UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

MYLENA MONTEIRO SETÚBAL

ARTE, EDUCAÇÃO, CULTURA NO INTERIOR DO PARÁ: UM ESTUDO DE CASO NA E.E.E.M. DR. INÁCIO KOURY GABRIEL NETO, CASTANHAL- PA

Belém – Pará
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

MYLENA MONTEIRO SETÚBAL

ARTE, EDUCAÇÃO, CULTURA NO INTERIOR DO PARÁ: UM ESTUDO DE CASO NA E.E.E.M. DR. INÁCIO KOURY GABRIEL NETO, CASTANHAL - PA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes.

Orientadora: Profª. Dra. Márcia Mariana Bittercout Brito

Coorientador: Prof. Dr. John Fletcher Couston Junior

Linha de pesquisa: Memórias, Histórias e Educação em Artes

Belém, Pará
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M772a Monteiro Setúbal, Mylena.
ARTE, EDUCAÇÃO, CULTURA NO INTERIOR DO PARÁ:
: Um estudo de caso na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, Castanhal - PA / Mylena Monteiro Setúbal. — 2023.
103 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Márcia Mariana Bittencourt Brito
Coorientador(a): Prof. Dr. John Fletcher Couston Junior
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2023.

1. Arte. 2. Educação. 3. Cultura. 4. Interior. 5. Castanhal - PA. I. Título.

CDD 373.8115

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos vinte e quatro (24) dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e três (2023), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Márcia Mariana Bittencourt Brito, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Mylena Monteiro Setúbal, intitulada: **Arte, Educação, Cultura no Interior do Pará: Um Estudo de caso na Escola E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, Castanhal - PA.** Perante a Banca Examinadora, composta por: Márcia Mariana Bittencourt Brito (Presidente); José Afonso Medeiros Souza (Examinador Interno); John Fletcher Couston Junior (Examinador Externo ao Programa); Luzia Gomes Ferreira (Examinador Externo ao Programa). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Márcia Mariana Bittencourt Brito, passou a palavra à mestranda, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação ( ) aprovação (x)**
Com conceito Excelente. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Márcia Mariana Bittencourt Brito agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da banca e pela mestranda. Belém-Pa, 24 de outubro de 2023.

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCIA MARIANA BITTENCOURT BRITO
Data: 27/10/2023 13:08:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Márcia Mariana Bittencourt Brito

José Afonso Medeiros Souza — gov.br Documento assinado digitalmente
JOSE AFONSO MEDEIROS SOUZA
Data: 31/10/2023 09:55:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

John Fletcher Couston Junior

Luzia Gomes Ferreira

Mylena Monteiro Setubal

Digitalizado com CamScanner

Dedico esta pesquisa ao meu amigo de classe do Mestrado, Willame Dantas Diniz, que partiu no início deste ano. Te amo, amigo e agradeço por cada troca e momento que tivemos, e sei que sempre estará presente, e me perdoe por não ter conseguido lhe alcançar e ajudar, carrego essa culpa para sempre, mas saiba que sigo nessa trajetória por nós e para nós. **Willame Dantas Diniz presente!**

AGRADECIMENTOS

A minha família, dona Josele Monteiro Pombo e seu Raimundo Setúbal da Silva Júnior, por terem acreditado que a educação transformaria a minha vida, e estavam corretos, amo vocês até em outras vidas e acho que nunca consegui dizer o quanto vocês foram e são inspirações para mim, e obrigada por me permitirem sonhar e realizar a minha entrada no ensino superior.

As entidades da minha religião, Umbanda, que me guiam e protegem antes mesmo de eu ter conhecimento, obrigada por todo axé, Dona Herondina, Rosinha Malandra, Toya Jariná, Mariana, os Pretos Velhos, ao povo da mata, enfim.

A Mylena criança e adolescente por mesmo com todas as dificuldades, ter seguido acreditando na educação e nas Artes, conseguimos chegar longe e ser tudo aquilo que o sistema não deseja, pretos e pretas no topo.

Aos meus professores e professoras que de alguma forma acreditaram em mim e/ou me ajudaram nessa caminhada tão difícil. Ao seu João Lisboa e dona Nelma Belém, do Fundamental I, por todo carinho e afeto a uma aluna negra cheia de inseguranças. A Luzia Gomes, Afonso Medeiros e a Zélia Amador de Deus por terem me inspirado na graduação e até os dias de hoje, só eu sei a importância que tiveram para a jovem de 17/20 anos.

Aos meus amigos e amigas que me apoiam e acreditam em mim, vocês sabem que tem meu afeto do fundo do coração e admiração, um agradecimento especial a Camilla Freire, a Dóris Rocha e ao Arthur da Silva, por mesmo de longe (morando na capital e eu em Castanhal), me ajudam e acolhem nas minhas crises e correrias em conciliar a loucura que foi essa caminhada no Mestrado. Amo vocês demais, não sei nem como agradecer por tudo que fizeram e fazem por mim.

Ao meu companheiro, Júlio Nykollas Correa Azevedo, por buscar entender a loucura da minha vida acadêmica, me apoiar e se orgulhar de mim. Te amo e agradeço por trazer leveza e amor nos dias mais difíceis que encarei, por ser colo e abrigo nos momentos de solidão.

A minha orientadora Márcia Mariana Bittencourt e meu co-orientador John Fletcher por toda orientação, ajuda, apoio e acolhimento que fizeram comigo, e por terem acreditado na minha pesquisa e na importância que a arte-educação tem para os territórios do interior paraense.

“E aí, molecadinha, tô de olho em vocês, hein?
Não vai pra grupo, não, a cena é triste
Vamos estudar, respeitar o pai e a mãe e viver, viver!
Essa é a cena, muito amor.”
Racionais MC’s – Artigo 157

RESUMO

SETÚBAL, Mylena Monteiro. **Arte, Educação, Cultura no interior do Pará: um estudo de caso na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, Castanhal - PA.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

Esse estudo objetiva analisar e demonstrar, a partir de um estudo de caso, o negligenciamento na sistematização de seus espaços de arte na cidade de Castanhal – PA, pela falta de investimentos nas diversas formas de contato com a cultura, seja de formal, não-formal e/ou informal. Sob uma lupa, está a realidade, história e formação desta cidade do interior do nordeste paraense, Castanhal, ou como é conhecida, a "Cidade Modelo", e um aparelho de educação formal, a escola pública de ensino médio Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, e a importância da mesma para a localidade e a ocorrência da arte-educação neste espaço educacional. Através de observação, entrevista e projeto na escola citada acima, nota-se que uma relação fortificada entre o ensino formal (no caso a escola) com o cenário artístico e cultural da "cidade modelo" e um melhor diálogo para com seu alunado pode ser uma forma e saída de ampliar e valorizar o ensino/aprendizagem de arte e a produção de artes e cultura no interior dessas localidades que sofrem com o abandono de investimentos no segmento artístico.

Palavras-chave: Interior. Arte-educação. Cultura. Território.

ABSTRACT

SETÚBAL, Mylena Monteiro. **Arte, Educação, Cultura no interior do Pará: um estudo de caso na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, Castanhal - PA.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

This study aims to analyze and demonstrate, based on a case study, the neglect in the systematization of its art spaces in the city of Castanhal – PA, due to the lack of investment in the different forms of contact with culture, whether formal or non- formal and/or informal. Under a magnifying glass is the reality, history and formation of this city in the interior of northeast Pará, Castanhal, or as it is known, the "Model City", and a formal education apparatus, the public high school Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, and its importance for the locality and the occurrence of art education in this educational space. Through observation, interview and project at the school mentioned above, it is noted that a strengthened relationship between formal education (in this case the school) with the artistic and cultural scene of the "model city" and a better dialogue with its students can be a way and way to expand and value the teaching/learning of art and the production of arts and culture within these locations that suffer from the abandonment of investments in the artistic segment.

Keywords: Interior. Art education. Culture. Territory.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Uma das entradas para a cidade de Castanhal e/ou "Cidade Modelo" 20

Fotografia 2 – Mapa do território de Castanhal, obtido pelo Google Maps 21

Fotografia 3 – Mapa ampliado do território de Castanhal, com ênfase aos arredores, obtido pelo Google Maps 25

Fotografia 4 - Faixada da E.E.E.F.M. Cônego Leitão nos dias atuais 27

Fotografia 5 - Demolição da estação de trem e mercado público de Castanhal em 1972 28

Fotografia 6 – Entrada da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 32

Fotografia 7 – Faixada frontal da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 32

Fotografia 8 – Espaço do refeitório da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 34

Fotografia 9 – Rampa de acesso ao segundo andar da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 34

Fotografia 10 – Parte arborizada da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 35

Fotografia 11 – Entrada da Sala de Leitura da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 40

Fotografia 12 – Entrada da Rádio Educativa da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 42

Fotografia 13 – Quadra Esportiva da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 43

Fotografia 14 – Equipe de dança do projeto cultural 56

Fotografia 15 – Aula de teatro para "O Cortiço" com o segundo ano 58

Fotografia 16 – Tag"s do aluno/artista Naon na E.E.E.M. Dr. 79

Fotografia 17 – Tag”s do aluno/artista Naon na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 80

Fotografia 18 – Placas grafitadas do projeto voltado para a disciplina de Inglês 84

Fotografia 19 – Grafitte no muro da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, projeto voltado para a disciplina de Inglês 85

Fotografia 20 – Grafitte no muro da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, projeto voltado para a disciplina de Inglês 86

Fotografia 21 – Direção da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, apresentando o projeto cultural 88

Fotografia 22 – Realização do grafitte para o projeto cultural na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 89

Fotografia 23 – Grafitte finalizado para o projeto cultural na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 90

Fotografia 24 – Exposição dos desenhos dos discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto na mostra cultural 92

Fotografia 25 - Estudante poeta da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, após a sua apresentação na mostra 93

Fotografia 26 - Apresentação da equipe de dança para a mostra cultural da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 94

Fotografia 27 - Tag’s do artista Naon na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 96

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dados referentes as respostas obtidas para a terceira pergunta objetiva da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 54

Quadro 02 – Dados referentes as respostas obtidas para a última pergunta objetiva da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 59

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dados Gerais da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto 53

Tabela 02 – Média de idades do alunado da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto para cada ano da etapa do Ensino Médio 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14

1. TRAJETÓRIAS, TERRITÓRIO E ARTE-EDUCAÇÃO

1.1. Castanhal, a formação da "Cidade Modelo" do nordeste paraense.....….....20

1.2. E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto e a importância do ensino de arte-educação.....….....31

1.3. Escola e Família, uma escola do ensino médio e sua proposta pedagógica.....….37

2. ARTE-EDUCAÇÃO, PESQUISAS, VIVÊNCIAS

2.1. Por uma arte-educação inclusiva e diversificada.....….....47

2.2. Juventude, informalidade, anseios e registros.....….....52

2.3. A crise educacional: os desafios do ensino/aprendizagem presencial.....….....65

3. ARTE-EDUCAÇÃO, CONFLITOS, CULTURA

3.1. A arte e as gerações.....69

3.2. Grafitte e Pixo: a marginalização nas Artes Visuais.....77

3.3. Projeto "Arte e Criatividade: saberes e sabores que se manifestam no dia a dia da escola".....87

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....97

REFERÊNCIAS.....100

INTRODUÇÃO

ARTE-EDUCAÇÃO E CULTURA NO INTERIOR[1] PARAENSE

Nascida em Castanhal, onde morei até meus dezessete anos de idade, nunca dediquei muita importância à minha relação com a cidade, tampouco a relação dela com o cenário do estado. Isso foi se modificando com a minha ida para a capital, Belém, quando ingressei na Universidade Federal do Pará (UFPA) para cursar Artes Visuais. Comecei a me questionar sobre certas diferenças e situações, que culminaram nas seguintes questões norteadoras: Como uma cidade tão próxima da capital apresenta um contexto artístico cultural tão desvalorizado e esquecido pelos representantes públicos? Não havendo uma cena local de artes na cidade, qual seria, portanto, o papel do ensino formal na construção de profissionais do campo da arte e formação do público para consumir o trabalho destes profissionais? Quais são os caminhos possíveis para viabilizar tal processo?

Meu fascínio e interesse na área de Artes ocorreu por causa da minha própria experiência de vida: a situação cultural da minha terra natal e meu ambiente familiar. Mesmo sendo uma família sem histórico de artistas e pessoas com ensino superior, a admiração que meu pai tem por quem sabe produzir qualquer linguagem das artes, além de ver minha mãe sempre organizando suas coisas com música regional e ser interessada em novelas, foram coisas que acabaram me atravessando.

Uma das lembranças mais fortes que tenho são as idas com meu pai à única banca da cidade que vende gibis da *Turma da Mônica*. Sempre fui uma criança que adorei desenhos e ler, e ao notar isso, meu pai fazia questão de todo mês comprar três edições lançadas mensalmente para me presentear. Lembro como amava ir escolher os gibis e passar vários tempos lendo e relendo até a data de comprar novos. Isso foi um dos motivos que me levaram a gostar de desenhar desde a infância.

Foram essas admirações, fora do contexto da educação formal, que me fizeram carregar desde pequena um interesse enorme em aprender e produzir Arte, desde artes visuais

1 Apesar do Brasil adotar o critério político-administrativo para considerar o que é área urbana, sendo que segundo o IBGE, é considerada área urbanizada toda área de vila ou cidade, legalmente definida como urbana é caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana, o que pode gerar problemáticas já que não leva em consideração outros aspectos para a denominação do espaço (MARQUES, 2002). Além de que essa forma considera área rural tudo que é contrário ao urbano, ou seja, sem critérios para avaliar o que é área rural. Por Castanhal apresentar um território complexo e com variáveis, o termo “Interior” será utilizado para uma cidade com demandas de porte e pequeno médio e vivências diversas e complexas no mapa amazônico.

até dança, música e teatro. Entretanto, com o passar do tempo, essa vontade foi se esvaindo devido ao fato de não haver cursos públicos na cidade voltados para a cultura. Não ter tido contato com sistemas formais de produção de artes (galerias, museus, etc.) e não ter condições financeiras para pagar qualquer curso particular para a aprendizagem foram fatos que tornaram a possibilidade de aprender e fazer arte cada vez mais distante.

O que me restou foram as relações familiares, alguns eventos populares de Castanhal e a eterna curiosidade. Nem mesmo a educação formal conseguiu abranger as minhas demandas, porque mesmo sendo instituições privadas, na qual fui bolsista, a desvalorização da disciplina na grade curricular fez com que as aulas de artes não fossem interessantes e não ofertaram realmente uma base de ensino necessária.

Infelizmente só me dei conta de todas essas situações agravantes quando conheci o cenário artístico belenense, justamente por perceber como o contato com diversas formas artísticas são mais possíveis e acessíveis comparado ao cenário de uma cidade com uma vivência e situação considerada de “interior” - se o acesso na capital já é considerado escasso e desigual tendo sistemas formais, não-formais e informais de distribuição de arte e cultura, o que se dirá das cidades que não conseguem ofertar?

Assim, a pesquisa traz como eixos principais a Cultura, Arte-educação e o Ensino Informal no interior. Escolhi a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto como objeto principal para a pesquisa de campo, localizada na cidade de Castanhal, no interior do nordeste paraense, para poder discutir sobre arte-educação e cultura em um espaço fora dos ditos centros culturais e artísticos do Pará.

Elegi essa escola por ser da rede pública, além de ser referência do ensino público na cidade. Localizada na Tv. Lauro Sodré, a mesma situa-se na divisa entre o bairro do Milagre e Cariri, e outro detalhe importante é que esta travessa se torna a PA-136, ou seja, sua localização é um ponto muito importante para a sua escolha, pois acaba tendo alunos/alunas do centro urbano da cidade (os bairros do Cariri e Milagre) e das agrovilas perto desta área, tornando bastante diversificado o corpo discente.

O objetivo geral do presente texto é demonstrar como um vínculo fortificado entre ensino formal, com uma escola de base, e a cultura local, o ensino informal, pode ser uma saída para a escassez de recursos no interior paraense, para assim poder alcançar os seguintes objetivos específicos: verificar como ocorre a disciplina de Artes realizada dentro do espaço da educação formal na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, da rede pública de

Castanhal; análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola; análise das dificuldades do processo de ensino-aprendizagem das artes dentro do ambiente escolar; entrevistas com docentes, discentes e coordenadores da escola; verificar como o cenário artístico/cultural da cidade se relaciona com o ambiente escolar da rede pública.

É importante ressaltar que a pesquisa de campo foi realizada entre 2021 e 2022, período em que o mundo ainda se encontrava em crise devido ao novo vírus da Covid-19, e no Brasil a situação foi mais complicada por conta do descaso do ex-presidente. Com isto, devemos entender que o contexto escolar que irei apresentar na pesquisa é de uma escola pública retornando ao ensino presencial após quase dois anos do sistema educacional funcionando somente com aulas *online*, através dos meios digitais.

Então, iremos nos deparar com uma localidade escolar - desde funcionários até o corpo discente - encarando todas as situações e demandas acarretadas por essa crise mundial e buscando formas de superar todos os traumas e lacunas deixados por um acesso mais desigual à educação, além de observar o que uma pausa de dois anos causa e como a nossa relação com o mundo digital também se modifica.

Para atingir as metas desejadas para o trabalho de dissertação, o procedimento metodológico foi dividido em partes. Primeiro, irá ser feita a pesquisa bibliográfica acerca da cidade para melhor compreensão dos processos pelos quais passou para chegar ao atual panorama e como isso atravessa a arte e cultura castanhalense, com leituras de artigos, manchetes de jornais, entrevistas com moradores, etc., pois concordo com Moacir Gadotti ao afirmar que precisamos de uma pedagogia da cidade para nos ensinar a olhar e descobrir a cidade para poder aprender com ela, aprender a conviver com ela. “A cidade é o espaço das diferenças. A diferença não é uma deficiência. É uma riqueza.” (GADOTTI, 2005, p.08).

Após o entendimento de como se deram essas formações e processos e a importância de conhecer e aprender sobre a localidade em que se vive, entramos na segunda etapa: a escolha de uma escola-base para a pesquisa de como ocorre o ensino de arte-educação na cidade, uma escola do sistema público, com análise do projeto pedagógico e entrevistas com docentes e discentes, com a finalidade de entender a pedagogia, espaço e organização desta escola, pois vejo como fundamental observar a troca desses espaços com a cultura local, as diferenças existentes, etc., para que assim possam ser utilizadas pedagogias e didáticas que visam e respeitem essa relação e que se entenda que a escola faz parte da cidade e a sua identidade cultural também, visto que à escola cabe o dever de não só respeitar os saberes

com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos (FREIRE, 2020).

Segundo Ana Mae Barbosa (2012), é por meio das Artes que se torna possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada, uma vez que com as Artes podemos demonstrar as diversas características que uma cidade carrega nas suas várias facetas, desde a história, tradições etc.. E justamente a arte-educação está aqui para entendermos essas produções existentes e o desejo de produzir novas para as transformações que ocorrem ao longo do tempo, o que nos mostra a importância do fortalecimento dessa relação do ambiente escolar e da cultura local nas cidades do interior paraense.

Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo com abordagem participativa, tendo como base teórica Paulo Freire (2020), Ana Mae Barbosa (2012), Moacir Gadotti (2005) e com a pedagogia engajada de bell hooks (2017), visando compreender que o ensinar de uma forma que respeite e proteja os alunos, para que sejam criadas as condições necessárias para um aprendizado mais profundo e íntimo (hooks, 2017), pode ser um dos caminhos para engajar parte da sociedade a propor melhorias para a arte-educação e para a cultura, interligando ambas de modo mais significativo para a cidade de Castanhal.

Na pesquisa de campo, optei em realizar a descrição dos fatos acontecidos durante o processo de observação do mês de outubro de 2021 até meados de março de 2022, com coletas de informações que pudessem complementar os dados coletados através do questionário aplicado ao corpo discente, da primeira série até o convênio. Foram coletadas 266 respostas, sendo que alguns alunos e alunas ficaram sem resposta por não estarem presentes na aula ou não desejar. O questionário era composto por oito (08) questões, sendo divididas em duas partes: cinco sendo objetivas, ou seja, de marcar com respostas para “sim” ou “não”, e outras três perguntas subjetivas para respostas pessoais, que tangenciam questões sobre interesse em arte, sua ocorrência na escola e a importância ou não da arte-educação. Portanto, as respostas subjetivas, juntamente com as objetivas, formam os dados coletados que foram analisados qualitativa e quantitativamente em prol da relação da arte-educação da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto com a cultura.

Sendo assim, o trabalho se divide em três capítulos: o primeiro com o título de “Trajetórias, Território e Arte-educação”, onde trago a minha relação e vivência na cidade de Castanhal e como o processo histórico e geográfico da cidade influencia na arte e cultura que a mesma carrega e a sua situação no mapa do estado do Pará, onde devemos entender as diferenças artísticas de uma localidade para a outra, para que assim possamos notar a importância da escola escolhida para o campo de pesquisa, sendo assim uma análise sobre o E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto e o seu papel no cenário educacional castanhalense, suas contribuições, estrutura, projeto pedagógico e ideias para com a juventude periférica e as agrovilas que compõem o corpo discente no retorno às aulas presenciais após quase dois anos de ensino remoto devido a pandemia da Covid-19.

O segundo capítulo, intitulado “Arte-educação, Pesquisas, Vivências”, relata os processos da pesquisa desenvolvida na escola da rede pública citada no parágrafo anterior, carregando minhas análises a partir do processo de observação e vivência do período de outubro de 2021 até meados de março de 2022 com todas as turmas do ensino médio, as dificuldades do retorno, os acertos, erros, etc.. Após essa observação/participação, realizei entrevistas com os discentes, onde trago os dados e gráficos baseados nas respostas das perguntas objetivas e uma análise e citações das repostas nas discursivas para entender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com a disciplina de artes na realidade do Inácio Koury, além de um estudo acerca do PPP (Projeto Político Pedagógico), documento disponibilizado pela coordenação utilizado no ano letivo para o desenvolvimento do planejamento escolar e os ideias que carrega para a prática educacional da escola.

O terceiro capítulo, “Arte-educação, Conflitos, Cultura”, traz os conflitos e discussões ocasionados pela arte encarados pela comunidade escolar, além do projeto voltado para as Artes elaborado e pensado pela diretora Maria Eliana Soares e a minha pessoa. Devido a uma situação envolvendo um discente do terceiro ano, onde o mesmo tinha pichado algumas *tags* suas pela escola, causando uma crise no corpo docente, coordenação e alguns outros funcionários e também na minha pesquisa, a direção da escola, juntamente comigo, decidiu elaborar uma amostra cultural no final do semestre escolar para que os estudantes pudessem demonstrar suas aptidões artísticas.

A escola compareceu em peso para apreciar as produções dos colegas de classe, e percebemos toda a potencialidade artística e o desejo que os alunos e alunas do Inácio carregam consigo, para assim poder fechar o capítulo e pesquisa com uma análise sobre a

importância do fortalecimento da arte-educação e cenário cultural nos interiores paraenses, utilizando a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto como exemplo, e como essa relação fortificada é benéfica tanto para a cultura e as Artes quanto para a arte-educação.

Como alguém que nasceu, cresceu e vive numa cidade no interior do nordeste paraense, a Arte sempre esteve presente na minha vida, à sua maneira informal, e foi uma curva na estrada e muita coragem que me fez continuar nessa caminhada tão difícil de seguir estudando, trabalhando e produzindo. Sair da sua cidade natal por não ter oportunidades de conhecimento, amadurecimento e empregabilidade é doloroso, principalmente quando não se é branco e/ou rico nesse país. Mais doloroso ainda porque vem à tona o seguinte questionamento: na minha terra não tem arte e nem artistas? Somente Belém carrega toda a cultura do estado? E a visão e vivência dos diferentes interiores paraenses? A classe artística de Castanhal, de Breves, Ourém, Bujaru, entre tantos, sempre existiu e produziu, sempre esteve presente, mas a valorização, cuidado e verba nunca estiveram conosco, e só nos restaram adaptações e silenciamentos, mas desejo que esta pesquisa possa mostrar uma saída importante para nós, um caminho entre arte-educação e cultura - uma é fundamental para a outra - principalmente em localidades que carregam “somente” isto, para que assim finalmente existam no mapa. É um ato de esperança para aquela criança negra que passou a infância sonhando em ser artista, seja no ato de cantar, dançar, atuar, pintar, enfim. Que o cenário se torne melhor para as futuras gerações, porque o Interior paraense resiste e cada vez mais invade e mostra toda a sua potência.

1. TRAJETÓRIAS, TERRITÓRIO E ARTE-EDUCAÇÃO

Com um histórico de desigualdade e desvalorização na história da arte-educação e cultura brasileira, até os dias atuais essas pautas se encontram na luta por seu devido espaço e valorização, sendo que dependendo da localidade em que se vive, essa relação com a arte-educação e a cultura acaba se tornando ainda mais escassa. Na região Norte, mais precisamente no estado do Pará, a situação não é diferente, pois os aparelhos formais de contato se concentram no dito centro do estado, a capital Belém, e nos interiores há somente a experiência informal. A cidade de Castanhal, situada no nordeste paraense, é um exemplo desta condição.

1.1 – Castanhal, a formação da “Cidade Modelo” do nordeste paraense

Figura 01 – Uma das entradas para a cidade de Castanhal e/ou “Cidade Modelo”



Fonte: Google Imagens. Acesso em ago/2023

Acima, na Figura 01, temos uma foto de uma das entradas para a cidade em que acontece a pesquisa, sendo essa a “Cidade Modelo”, Castanhal. Há duas populares versões sobre o nome a qual foi batizada, o que acaba despertando a curiosidade sobre os motivos que levaram a essa nomenclatura. Uma das primeiras ideias ao conhecer o nome é que a cidade é arborizada pelas castanheiras, e na prática não é o que acontece. A primeira versão diz que a ideia do nome é justamente para homenagear uma fruta tão popular e apreciada aqui da região Norte, a castanha. No entanto, na segunda versão, o nome teria relação com o período da construção da estrada de ferro que ligava Belém a Bragança, em que havia uma estação que

ficava à sombra de uma belíssima castanheira, e ao nomear o município optou-se por homenagear esta localidade do início da formação da cidade.

Então, com essas duas versões da história da nomenclatura do município, seguimos com a pesquisa acerca de arte-educação e cultura no cenário interiorano do nordeste paraense, para pensar, analisar e refletir acerca das demandas de uma cidade como Castanhal nas questões que rondam as Artes.

Entender certas complexidades que nossas vivências carregam nos exige compatíveis amadurecimentos e o decorrer do próprio tempo para realmente conseguirmos compreender, e foram essas demandas e questões que me trouxeram a essa pesquisa sobre como ocorre a arte-educação e a cultura numa cidade do interior do nordeste paraense.

Castanhal, conhecida como “Cidade Modelo”, se localiza a 68km da capital, sendo uma das sete cidades da Região Metropolitana de Belém (RMB). Tal inclusão ocorre no ano de 2011[2], devido a sua posição geográfica que entrecortada pela BR-316 torna a cidade de Castanhal ponto estratégico entre a capital e diversas cidades turísticas e produtoras de alimentos. Na Figura 02, segue um mapa da distribuição geográfica da cidade:

Figura 02 – Mapa do território de Castanhal, obtido pelo Google Maps



Fonte: Google Maps. Acesso em jan/2023

Ao olhar para a imagem do mapa da cidade acima, pode-se notar a demarcação do território da cidade através do pontilhado vermelho, e ao redor desse espaço geográfico se vê os balneários e as fazendas que são conhecidas no contexto de Castanhal. Logo após, vemos

2 Lei Complementar Estadual 076/2011

uma linha amarela que basicamente corta a cidade ao meio, com uma numeração em cima, 010, ou mais conhecida como a BR-316, a estrada que interliga a cidade à capital e a algumas outras localidades.

Esta linha amarela se interliga com outras duas estradas importantes para a posição geográfica da cidade. Uma é a PA-320, e a outra é a PA-136, que é a rua que liga a cidade a algumas agrovilas; é nesta estrada que fica localizada a escola estadual escolhida como base para esta pesquisa, e o nome da mesma aparece no mapa geral de Castanhal concedido pelo aplicativo da internet *Google Maps*.

Este mapa geral e mais "básico" pode nos mostrar como o centro da cidade foi pensado para ser construído à beira da BR-316, justamente para transportar os suprimentos para as outras cidades, além de nos mostrar a localização importante que a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto carrega no cenário escolar e histórico de Castanhal, e a influência disso no corpo discente.

Apesar de oficialmente ter completado 90 anos de idade como município independente, a formação da "Cidade Modelo" se inicia antes deste período, com o processo de colonização de áreas ainda "inabitadas" na região amazônica e a construção da estrada de ferro para ligar Belém a Bragança. A área que iria ficar conhecida posteriormente como "Castanhal" iniciou seu processo de estruturação com povos indígenas e imigrantes nordestinos vindos devido à construção da estrada.

> Castanhal é uma das mais importantes cidades do Pará e a de maior porte e centralidade do Nordeste do estado. Cortada pela BR-316, tem sua dinâmica econômica diretamente atrelada à rodovia, porém, como elucida Souza (2008, p. 75), a origem do núcleo urbano esteve relacionada "ao processo de colonização empreendido pela província do estado do Pará, entre 1875 e 1914, como o propósito de povoar a área" entre as cidades de Bragança e Belém e, assim garantir o fornecimento de produtos agrícolas a esta última. (RIBEIRO, 2016, p. 116)

Minha família é exemplo dessa diversidade. Enquanto meus familiares maternos são advindos da agrovila Barro Branco, perto de Castanhal (antes mesmo da sua declaração como cidade), a parte paterna veio do interior do Ceará, ambos carregando suas memórias e culturas, sendo assim acabei crescendo em um espaço onde tinha contato com a identidade local e a de outra região, sem nem mesmo me dar conta disso e da influência que isso teria na minha vida.

Essas diferenças constroem novas perspectivas culturais, e isso acaba causando culturas híbridas, onde a pessoa se vê pertencente a mais de um mundo, no meu caso a cultura da região do Norte e do Nordeste. Esse processo é explicado pelo sociólogo Stuart Hall, categorizado como *Tradução*:

> Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma "casa" particular). (HALL, p. 88 e 89, 2006)

Essa mescla cultural sempre esteve muito forte na construção da minha história, relações e acervo cultural, pois mesmo estando muito longe de terras nordestinas, meu seio familiar paterno sempre fez questão de permanecer com suas tradições culturais, como o sotaque, culinária, artesanatos e produções culturais, enquanto que a realidade da minha família materna carrega consigo as raízes da região norte, influenciando minhas relações com a arte e cultura.

Mas para além dessa trajetória e diversidade na história, é interessante pensar como uma “vila” que posteriormente se torna cidade acaba tendo um desenvolvimento tão rápido e acelerado com menos de 90 anos e tendo importância na região nordeste paraense.

Como citado mais acima, a localização geográfica é de extrema importância para a história de Castanhal, mas também para a economia local e de arredores, pois a mesma é voltada para o comércio e o agronegócio, sendo que ao ser cortada pela BR-316, acaba fornecendo certos produtos para as proximidades, desde a capital até mesmo a cidades menores e interioranas, o que fez com que o seu crescimento ocorresse mais rápido, tendo como prioridade a modernização da localidade para exemplificar em todos os âmbitos o título de “Cidade Modelo”.

No entanto, convém refletir até que ponto se dá essa “modernização”, pois mesmo sendo uma cidade localizada perto da capital, pertencente à Região Metropolitana, as pessoas

acabam acreditando que o termo “interior” não se enquadre a Castanhal, no entanto a vivência e realidade é mais complexa.

Neste contexto a ideia de modernização fica vinculada ao fato de a Cidade Modelo ter se industrializado de forma “rápida”, porém somente no centro urbano da cidade, não atingindo as periferias, agrovilas e outras localidades vinculadas ao território castanhalense, o que faz com que ainda persistam algumas tradições consideradas do interior, além de que esse aspecto de moderno fica voltado somente para a indústria, não atingindo da mesma forma e velocidade outros segmentos sociais, como a cultura e as artes.

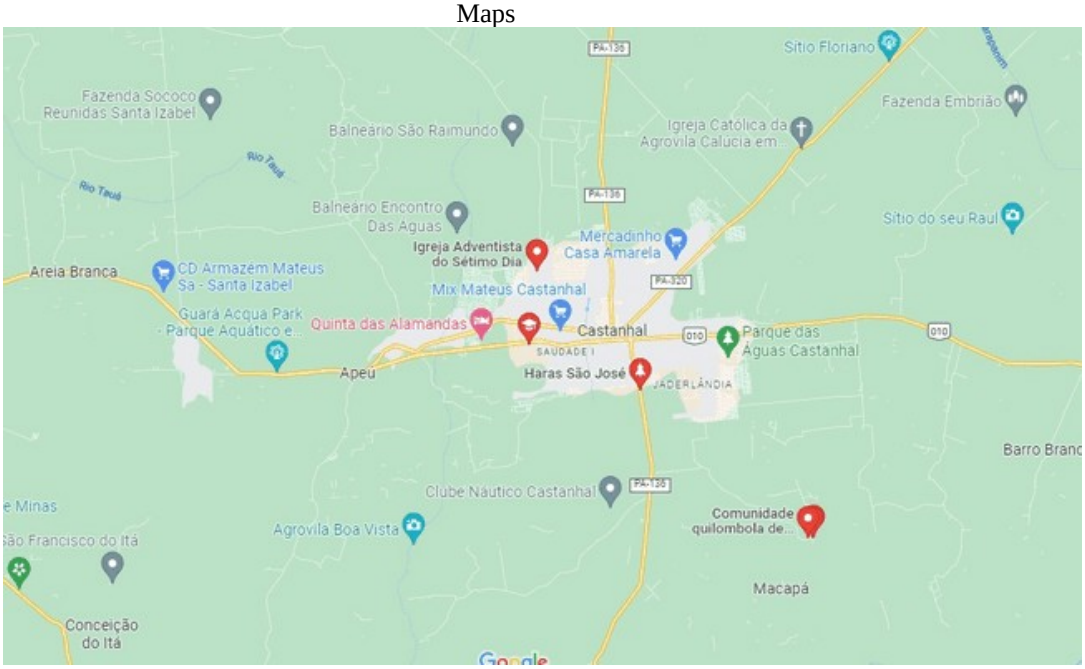
O antropólogo Canclini (2008) nos explica como o modernismo e a modernização ocorrem de formas diferentes em países da América Latina. Com as transformações sociais ocorridas do final do século XIX para o XX, impulsionadas pela a expansão e aceitação do sistema capitalista, a industrialização fez com que a modernização chegasse em alguns âmbitos sociais, mas não nos campos artísticos, pela falta de profissionalização e de uma economia que desse amparo para esse modernismo acontecer, principalmente pelo fato da maioria populacional latina não ter acesso sequer ao estudo básico, e este quadro só iria mudar efetivamente na década de 90.

> Ao chegar à década de 90, é inegável que a América Latina efetivamente se modernizou. Como sociedade e como cultura: o modernismo simbólico e a modernização socioeconômica já não estão tão divorciados. O problema reside em que a modernização se produziu de um modo diferente do que esperávamos em décadas anteriores... Continua havendo desigualdade na apropriação dos bens simbólicos e no acesso à inovação cultural, mas essa desigualdade já não tem a forma simples e polarizada que acreditávamos encontrar quando dividimos cada país em dominadores e dominados, ou o mundo em impérios e nações dependentes. (CANCLINI, 2008, p. 96 e 97)

A cidade passou por um processo de urbanização frequente até os dias atuais, e após a sua declaração como município, certas vilas, complexos, invasões e interiores, além das fazendas nos seus arredores, foram “anexados” a Castanhal, tornando a realidade local mais cheia de demandas e camadas.

Temos o que é considerado o centro da cidade; este é o espaço considerado urbanizado, onde há trinta bairros, sendo que o meu (Milagre) fica situado nessa parte, além da Vila do Apeú, que é um distrito junto a Castanhal, e as agrovilas ao redor, tendo a Calúcia como exemplo, e quilombos, como Macapazinho e Pitimandeua. A Figura 03 abaixo nos mostra essa distribuição geográfica.

Figura 03 - Mapa ampliado do território de Castanhal, com ênfase aos arredores, obtido pelo Google Maps



Fonte: Google Maps. Acesso em jan/2023.

Como vemos na imagem acima (retirada também do *Google Maps*), a ampliação do território de Castanhal nos mostra a existência de várias agrovilas e comunidades quilombolas ao redor da parte considerada urbana. Na parte de cima do mapa, do lado direito, vemos uma linha amarela que passa pela agrovila da Calúcia, e na parte de baixo, também do lado direito, temos a comunidade quilombola de Pitimandeua, e do lado esquerdo temos a agrovila Boa Vista e o distrito do Apeú.

O bairro Santa Lídia (apelidado de Milagre), onde nasci e moro até hoje, exemplifica as diversas disparidades que a cidade de Castanhal proporciona. Milagre é considerado um bairro periférico, um dos maiores e mais antigos - localiza-se no espaço urbano e nele encontram-se um supermercado de uma grande rede alimentícia, o hospital regional e uma avenida restaurada, sendo atravessado pela PA-136 e a BR-316. Tais coisas até recentemente dividem espaço com um cenário bem pouco “moderno”, como fazendas na parte dita final do bairro, onde habitam bois e cavalos em alguns espaços, até mesmo uma espécie de igarapé, ruas sem asfalto, tudo isso devido à falta de habitação. Se no espaço considerado urbano essas situações ainda são frequentes, dentro da realidade das agrovilas, invasões e quilombos esse fato se acentua ainda mais.

Exemplifico meu bairro para começar a pensar todas as questões socioeconômicas que acabam reverberando no processo cultural e artístico da cidade, pois como o processo de formação da cidade é voltado para um contexto de progresso modernizador focado nos

interesses de setores como o agronegócio, a indústria e o comércio, resta bem pouco interesse para o cenário artístico da cidade. Reflito sobre essa questão pela perspectiva a seguir.

Castanhal é uma cidade de porte médio e vivência interiorana; desse modo, acaba não tendo espaços institucionalizados voltados para as Artes, como museus, galerias, teatros, espaços culturais e afins, fazendo com que a população precise se deslocar para a capital para usufruir desses aparelhos culturais.

É oportuno registrar que no ano de 2017 a cidade inaugurou a sua primeira escola técnica de Artes, a Escola Estadual e das Artes São Lucas, vinculada ao estado e à igreja católica. A escola oferta gratuitamente cursos técnicos em Teatro, Dança, Artes Visuais, Cozinha, Canto e Instrumento Musical, com horários na parte da manhã, tarde e noite. Alguns cursos são integralizados, para os estudantes que ainda vão concluir o Ensino Médio, e outros para aqueles que já finalizaram.

Ou seja, somente há seis anos a população que tem interesse em aprender sobre Artes pode ter a possibilidade de acesso a um ensino artístico que não esteja vinculado aos espaços escolares, visto que fora deste contexto se faz necessário deslocar-se para a capital.

O fator deslocamento ocorre com certa frequência, não somente por questões de trabalho, mas também pela vontade de acessar formas de cultura e lazer, pois no atual momento a cidade não oferta salas de cinema ou espaços para exposições, sendo raríssimas as apresentações de teatro, dança ou música. Tal contexto mina o pouco interesse da população local a assuntos ligados às artes e favorece o desaparecimento de algumas tradições culturais da cidade.

Um exemplo disto foi o tradicional forró de rua que acontecia no centro da cidade. Devido a numerosa imigração de nordestinos, sua identidade cultural tem muita força, tendo uma grande valorização do forró, das quadrilhas e da culinária típica. No período do mês de junho, há alguns anos, o centro da cidade ficava bastante movimentado com o forró de rua, mas com as reclamações dos lojistas o evento foi proibido pela prefeitura, restando dessa cultura apenas as apresentações das quadrilhas, e os quatro forrós tradicionais que acontecem em cada sábado de junho, sendo eles: Forró do Didi, Forró do Tilú, Forró do Agricultor e o Forró do Aguinaldo.

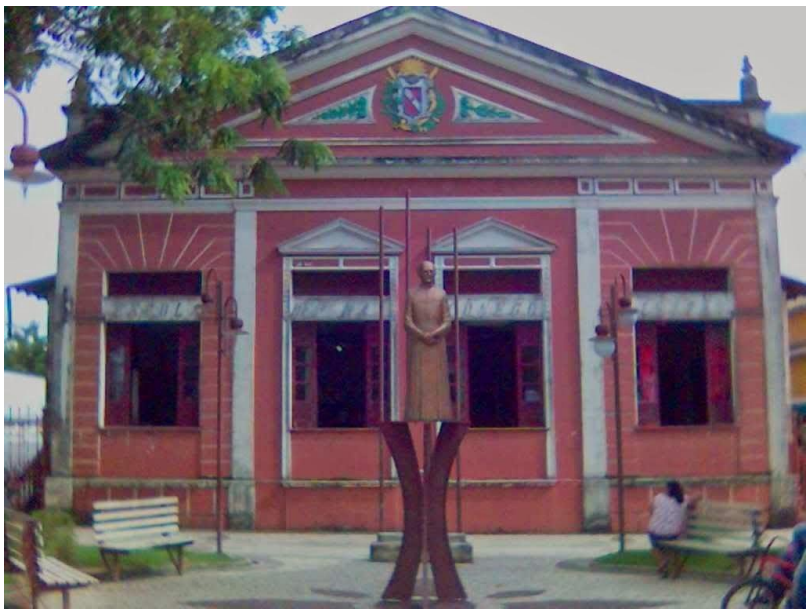
Outro processo de apagamento e desvalorização cultural ocorreu há pouco tempo atrás com a proibição por alguns anos de shows e eventos que trouxessem aparelhagens de

tecnomelody na cidade. Tal contexto parece estar intimamente ligado a preconceitos de classe social e racial, já que sabemos que a cultura do *tecnomelody* surgiu e predomina nas periferias do nosso estado - tais eventos ficaram proibidos por um período, até mesmo parcerias com outras programações, como os tradicionais forrós, com o discurso de combate à poluição sonora, a manutenção da tradição junina e redução de criminalidade.

Esse foi o discurso utilizado pelo delegado Luiz Xavier para a proibição das manifestações das aparelhagens em Castanhal, com uma reportagem publicada no dia 24/06/2012, com titulação “Castanhal/PA: Polícia esclarece o fim das aparelhagens nos forrós e promete combate à poluição sonora em Castanhal”, com acesso no site: https://fiscalambiental.wordpress.com, publicado por “Fiscal Municipal”.

É oportuno também observar a própria arquitetura da cidade, pois ao andar por Castanhal notamos como quase todos os prédios e estabelecimentos parecem de um município “modelo”; nesta situação esse termo se vincula ao ideal de modernização, que acaba sendo ligado a industrialização, justamente por a cidade ter sido pensada para o comércio e agronegócio. Com isso, pouquíssimos exemplos de uma arquitetura mais antiga permanecem intactos no processo de transformação ao qual a cidade foi submetida. Um exemplo disto é a E.E.E.F.M. Cônego Leitão, pois a escola é centenária e sua estrutura original segue mantida. A Figura 04 abaixo, nos mostra como a escola segue atualmente:

Figura 04 - Faixada da E.E.E.F.M. Cônego Leitão nos dias atuais



Fonte: Google Imagens. Acesso em ago/2023

Percebemos na imagem acima, que a escola centenária segue mantendo sua arquitetura originária, desde a sua fundação por volta de 1900, sendo localizada na Praça da Matriz, bem no centro da cidade, uma das escolas públicas referências no ensino castanhalense, no entanto, infelizmente não ocorreu o mesmo com outros patrimônios históricos da cidade, na Figura 05, a seguir, vamos visualizar registro de apagamento da história de Castanhal, para que desse espaço ao processo de "modernização".

Figura 05 – Demolição da estação de trem e mercado público de Castanhal em 1972



Fonte: Google Maps. Acesso em ago/2023

Demolido em 1972, a estação de trem e o mercado público sofre com o discurso de progresso empregado para a logística e funcionalidade de Castanhal, pois o mesmo era localizado na Avenida Barão do Rio Branco, que acaba sendo a rua principal de locomoção pelo centro da cidade, fazendo com que acreditassem que mantê-la de pé era sinônimo para atrapalhar o crescimento do comércio castanhalense, se destruindo um dos símbolos de surgimento e história da cidade, restando deste período mais antigo apenas uma réplica da maria fumaça que fica acentuado na Praça do Estrela, como um ponto turístico.

No entanto, essas situações com o cenário de Artes e arte-educação não devem ser vistas somente como um problema da cidade castanhalense, mas também como uma questão muito grave no nosso país como um todo, pois até os dias atuais o Brasil segue com seu histórico de desvalorização com artistas, arte-educadores e a própria pesquisa em arte. O cenário geográfico carrega uma grande importância para os desníveis desta situação, visto que

o distanciamento e a falta de investimentos em cultura e educação são infinitamente menores se compararmos a outras regiões do centro e sul.

Desse modo, se o acesso à cultura, ao lazer, às diferentes artes e a educação são um problema nacional, certamente a possibilidade de uma arte-educação de qualidade se torna mais restrita aqui para o Norte do mapa, concentrando-se majoritariamente apenas nas capitais regionais, deixando as áreas não-centrais, os interiores por assim dizer, aquém das possibilidades de integração.

Os cursos de ensino superior em artes estão localizados na capital, sendo disponibilizado aos interiores o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) como uma tentativa de descentralizar a formação de profissionais ligados à licenciatura em artes e disseminar a oportunidade de uma arte-educação mais próxima da sociedade, que atualmente não atua em Castanhal, e mesmo a Universidade Federal do Pará (UFPA) mantendo um campus de atuação na cidade, acaba ocorrendo a ausência de cursos voltado para a Arte. Com isso, tais esforços ainda são pouco abrangentes, visto que muitos jovens ainda precisam vivenciar a sina interior-capital para ter uma formação superior completa.

Ao pensar sobre todas essas demandas, me dei conta da minha relação com Castanhal, sua arte e cultura. Minhas vivências artísticas, ainda que limitadas, foram oriundas do ensino informal, pois como relatei acima são pouquíssimas as possibilidades de fruição cultural provindas do poder público, visto que locais de educação não-formal, como museus e galerias, não existem na cidade de Castanhal, ficando apenas sob responsabilidade da educação formal a possibilidade de algum acesso às artes, que mesmo em escolas privadas - uma das quais tive a oportunidade de ser bolsista - não se conseguiu oferecer um ensino de artes significativo. Assim percebo que foram as vivências artísticas familiares e de rua que me levaram até a faculdade de Artes Visuais da UFPA.

Desde pequena sempre fui muito curiosa e atraída por tudo que fosse considerado “diferente”. Estudar logo se tornou umas das minhas coisas preferidas, e meus pais perceberam e decidiram incentivar e fazer tudo que estava ao alcance deles para que eu tivesse a mínima chance de poder sonhar em entrar na universidade pública, mesmo essa sendo uma realidade muito distante para a minha realidade familiar. Mas não foi somente nesta questão de estudar e ler que meus pais foram responsáveis, pois mesmo não tendo

pessoas ligadas diretamente ao mundo das artes, eu cresci vendo a admiração que meu pai e mãe tem pelas Artes e por quem as produz.

A música sempre teve muita força na minha casa. Lembro até hoje do meu pai deitado na rede ou sentado ouvindo música no som e me levando em estúdios que gravavam toca-fitas, depois CD's e DVD's e posteriormente *pendrives*, e quando tive uma certa idade ele me mostrou músicas e videoclipes de Michael Jackson, Laura Pausini, Whitney Houston, bandas de rock nacional, bandas de forró, etc., além da minha mãe sempre gostar muito de limpar a casa ouvindo brega, baile da saudade e *melody*.

Não era apenas ouvir música, era uma admiração a quem fazia essas produções; papai sempre me dizia que achava incrível quem cantava, tocava e dançava, além de que a cultura do forró e do *tecnomelody* tinha muita força na periferia que eu cresci, então os forrós de rua, ver os jovens e crianças dançando nas ruas me causava muita alegria e vontade de aprender.

Foi esse contexto informal, vindo do seio familiar e das ruas do meu bairro, e de muita admiração, que me levou às Artes Visuais, me fez querer aprender a desenhar e pintar, já que o material para isso era bem mais acessível que os instrumentos para música e aulas de canto e dança.

Cresci desenhando, e quando eu estava no Ensino Fundamental II, decidi perguntar a meus pais se existia algum curso na cidade para que eu pudesse me aperfeiçoar e tornar uma profissão no futuro. Lembro até hoje que rodei a cidade inteira de bicicleta com meu pai, mas não havia nada presencial; a única coisa que encontramos foi um curso técnico à distância via Correios, que custava mais de cem reais, o qual meu pai decidiu investir.

No entanto, nunca cheguei a concluir este curso à distância. Mesmo lendo e fazendo as atividades, nunca mandei o material para poder pegar o certificado, pois pouco tempo depois adentrei no Ensino Médio, e a pressão pelo vestibular e cursar uma faculdade que desse retorno financeiro era grande, pois eu era bolsista numa escola particular, e não seria com as Artes que as pessoas diziam que iria fazer um bom futuro.

Então, esse gosto e sonho ficou adormecido por uns três anos mais ou menos, e somente no Convênio, perto da prova do ENEM, que por uma pequena coincidência decidi voltar a desenhar, e esse retorno me mostrou que seria somente nas Artes que me veria feliz como profissional e também como pessoa.

E tomando essa decisão apenas aos 16 anos de idade, a minha vida iria mudar bastante, pois aos 17 adentrei no curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA), na cidade de Belém, e foi nesse processo de mudança que percebi que todo o meu processo, conhecimento e ligação com as Artes se deu de forma totalmente informal, e que as oportunidades de acesso, contato e conhecimento ao mundo das Artes se dá de forma totalmente desigual para a população. Enquanto alguns colegas de turma frequentam museus, galerias, conheciam diversas técnicas, artistas locais, arte contemporânea e demais coisas, eu seguia com meu conhecimento popular e somente com quase dezoito anos vim conhecer os espaços formais de Artes.

E foram essas questões que me levaram a esta pesquisa, em mostrar como a realidade é bem diferente nos interiores do estado do Pará, principalmente em uma cidade como Castanhal, com divisões territoriais mais complexas, e como o acesso formal às Artes (como as escolas da educação básica) e o acesso informal (a cultural local, popular, praças, eventos e etc.) podem se unir e ter uma importância fundamental para ambas e fortalecer nosso cenário artístico.

1.2 – E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto e a importância do ensino de arte-educação

Para refletir sobre como o ensino formal de artes ocorre no interior paraense e a sua importância para uma união e valorização do cenário cultural, já que basicamente essa é a única “ferramenta” formal que os interiores encontram disponíveis para a cena artística, faço uma pesquisa de campo em uma escola da rede pública voltada somente para o nível do Ensino Médio na educação básica.

Devido à complexidade do cenário geográfico de Castanhal, por causa da divisão em parte urbanizada, quilombos, invasões, complexos e agrovilas, a instituição de ensino básico que escolho fazer a pesquisa é a E.E.E.M Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, que fica situada na rua Lauro Sodré, que a partir de um trecho se torna a estrada da PA, que dá acesso a certas agrovilas.

A escola fica situada no bairro do Milagre. Por conta dessa situação de transformação que a estrada passa, o corpo discente do Inácio carrega justamente a diversidade que a realidade de Castanhal nos mostra, pois temos estudantes da parte dita urbanizada, com alunos e alunas dos bairros do Milagre, Cariri, Pirapora, Jaderlândia e o Salgadinho, mas também temos de algumas agrovilas e distritos. Essa situação traz para a

escola as diferenças que ocorrem na população castanhalense, e como devemos respeitar a existência de cada um. Abaixo, na Figura 06 e 07, podemos notar a entrada da escola:

Figura 06 – Entrada da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Nas imagens acima e abaixo (Figura 06 e 07), podemos reparar principalmente na 07 como o espaço territorial da escola é enorme, começando desde a esquina da quadra até a rampa que olhamos no final da fotografia, com um espaço para a entrada, um portão voltado para o corpo discente e uma garagem para os funcionários. No registro 06 notamos de forma frontal o portão que os estudantes adentraram ao recinto escolar, com uma rampa de acesso voltada para alunos e alunas que utilizam cadeiras de rodas, além de um espaço confortável na largura para a entrada e saída de um número grande de pessoas.

Figura 07 – Faixada frontal da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Com basicamente vinte anos de fundação - a inauguração ocorreu em 2002 e o início do funcionamento no ano de 2003 -, a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto é uma das referências de ensino público de Castanhal, fornecendo a fase de ensino Médio do Ensino Básico, com as modalidades: ensino regular e a educação de jovens e adultos, o EJA, com turmas no período da manhã, tarde e noite.

Com o funcionamento dos três turnos, a escola tem um alunado de 718, sendo que 422 são do turno da manhã, 138 do turno da tarde e 158, dados com referência ao ano de 2021, disponíveis no PPP (Projeto Político Pedagógico, 2018/2019) da escola, sendo que em questões de estrutura física, o Inácio oferta uma das melhores do ensino público castanhalense.

A escola disponibiliza 13 amplas salas de aula, arejadas e com ventiladores, 01 sala para recursos multifuncionais – AEE voltada para o ensino de educação especial e inclusiva, 01 biblioteca e/ou sala de leitura, na qual os estudantes podem ler no próprio espaço ou se cadastrar para pegar emprestado, 01 sala multidisciplinar para um melhor ensino/aprendizagem nas áreas de biologia, física, química e educação, 01 sala de recursos de áudio visual, 01 auditório e 01 quadra de esportes coberta aberta para os estudantes.

Para além desses, a escola ainda conta com um espaço voltado somente para o refeitório escolar, um depósito para os alimentos, sendo que temos um ambiente pensado e voltado para alunos e alunas com limitações na mobilidade, como rampas para acessar o segundo andar e um banheiro no térreo com as adaptações necessárias. A escola ainda oferece amplo espaço com árvores e incentiva a preservação ambiental. Abaixo, as Figuras 08, 09 e 10 nos mostra o refeitório, a rampa de acesso ao segundo andar e a parte arborizada da escola.

Figura 08 – Espaço do refeitório da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Como visto na imagem acima, a parte dedicada ao refeitório é bastante ampla e organizada para que o encontro dos estudantes durante o intervalo ocorra de forma agradável, não somente para a ingestão da merenda escolar, mas também para o convívio social neste horário, já que todas as turmas são liberadas no mesmo período, o que poderia acarretar em aglomeração e situações, no entanto para além das mesas e bancos, o espaço ainda fornece mais opções para se acomodar, arejamento e bebedouro, tornando o intervalo bem tranquilo e desejável para os estudantes, além de ser utilizado para alguns recados e apresentações.

Figura 09 – Rampa de acesso ao segundo andar da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto

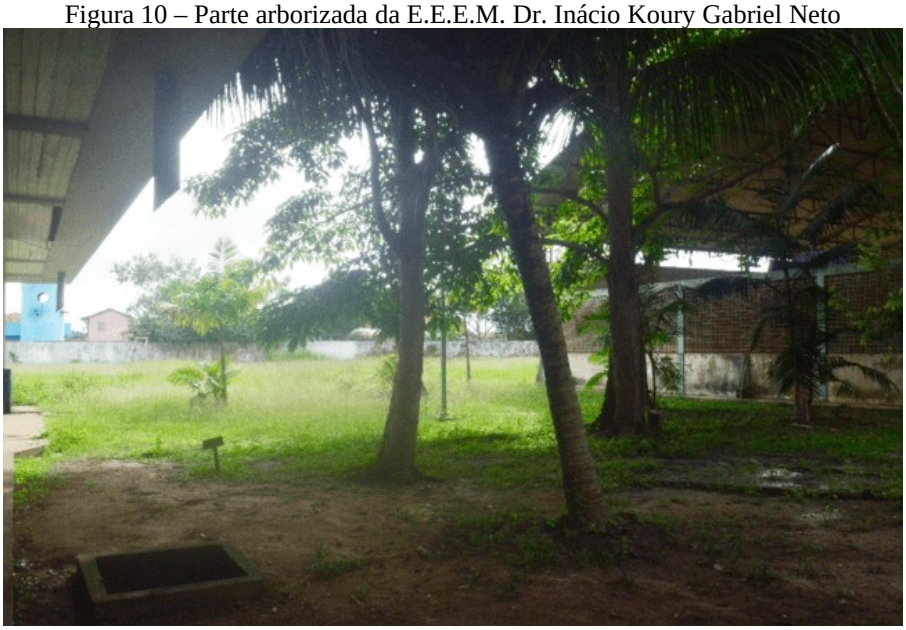


Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

A Figura 09 nos mostra a rampa de acesso para o segundo andar, sendo assim a elaboração da estrutura do prédio escolar demonstra preocupação em atingir a diversidade de estudantes que podemos encontrar no espaço escolar, na Figura 07, mais acima, mostra que desde a entrada do prédio se nota esta adaptação necessária para estudantes cadeirantes e/ou com outras questões de locomoção para garantir seu acesso à educação e seus direitos respeitados, na qual a terceira parte do primeiro capítulo desta dissertação nos mostra o projeto político pedagógico do Inácio Koury Gabriel Neto e como esta demanda não se encontra apenas na questão estrutural do prédio, mas também no processo de ensino e aprendizagem, para que assim os direitos das pessoas PCD's a uma educação de qualidade e respeitosa seja garantida.

Na Figura 10, abaixo, vemos uma parte arborizada da escola, que garante um clima interessante, além de poder proporcionar trabalhos voltados para as questões ambientais e a consciência da preservação ambiental, como veremos no terceiro capítulo (3.1) da pesquisa, que a professora de inglês executou com a turma do terceiro ano.

Figura 10 – Parte arborizada da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Minha relação de proximidade com a escola ocorreu na pandemia de 2020, no auge da pandemia da Covid-19, quando fui premiada no Edital Cultural em Artes Visuais da Lei Aldir Blanc, e acabei desejando fazer uma oficina de desenho e pintura totalmente gratuita voltada para os discentes da escola. Acabei indo ao espaço, e fui extremamente bem recebida por Odimar de Matos Pantoja e por Maria Eliana Soares, respectivamente diretor e vice-diretora na época, sendo bastante receptivos com a minha ideia e projeto voltado para o

Inácio, no entanto com as restrições da pandemia as autoridades deliberaram que o acesso à escola estava restrito, e com isto a direção da escola não pôde liberar o alunado e o espaço para que ocorresse meu projeto de oficina.

Devido a recepção maravilhosa que recebi e a localização geográfica do Inácio, bairro do Milagre, decidi torná-lo local para minha pesquisa do Mestrado e fiquei bem contente ao chegar lá e ser tão bem recebida e o meu projeto de pesquisa também.

Meu processo de campo de pesquisa se iniciou com o retorno às aulas, no dia 06/10/2021, sendo que as turmas se encontravam no terceiro bimestre. Um retorno complicado e difícil, pois ainda estávamos na pandemia da Covid-19 e o processo de vacinação no Brasil e na região norte tinha iniciado há alguns meses.

Então, os funcionários da escola tiveram toda uma preparação e recomendações para conduzir os estudantes ao retorno escolar de forma presencial após quase dois anos de ensino remoto. Para isso, fizeram uma palestra de recomendações na quadra esportiva da escola acerca das regras e condições que os discentes deveriam seguir para que não ocorresse nova paralisação do ensino presencial.

Esse processo foi de extrema importância para a minha própria formação como arte-educadora, pois adentrei no curso de Artes Visuais na UFPA no ano de 2016 e finalizei a grade curricular em 2019, ou seja, pratiquei os quatro estágios obrigatórios da grade curricular no processo de ensino presencial, em nenhum momento tive relação com o ensino remoto e percebi o quanto isso pode influenciar positivamente e negativamente do processo de ensino/aprendizagem.

O ensino de arte-educação sofre com uma grande desvalorização. No nível do Ensino Médio, a disciplina é a única que perde a sua obrigatoriedade em todas as séries deste período escolar, sendo ofertada apenas no primeiro ano. Com essa questão em torno da precarização do ensino de Artes, decidi acompanhar todas as três séries do Ensino Médio, para entender melhor como os discentes lidam com o ensino/aprendizagem e valorização das artes quando entram em contato com a disciplina e quando o mesmo se encerra.

Com isto, acompanhei as três turmas do primeiro ano, as cinco turmas do segundo e as quatro turmas do terceiro ano do ensino médio. Nas séries que não ofertam mais o ensino de artes (segundo e terceiro), busquei observar na disciplina de Língua Portuguesa II, que era dividida para o estudo de Redação e Literatura, e o estudo da licenciatura era o único contato

com Artes que as séries finais do Ensino Médio tinham, com meu horário sendo de 07:15 da manhã até 12:00.

1.3– Escola e Família, uma escola do ensino médio e sua proposta pedagógica

Logo no início do campo de pesquisa, entrei em contato com a coordenação pedagógica da escola para pedir acesso ao documento do PPP (Projeto Político Pedagógico, 2018/2019), e minha solicitação foi atendida rapidamente.

Porém, acabei recebendo dois documentos de diferentes PPP's, o primeiro sendo referente ao período de 2018/2019 e o segundo ao ano de 2021/2023; isso ocorreu devido ao fato de que em 2020 a escola iria iniciar o processo de adesão ao Novo Ensino Médio, que foi adiado devido à pandemia. Com o retorno ao ensino presencial "de última hora" a escola ainda não tinha terminado e nem iniciado a implementação do novo programa, ou seja, o PPP utilizado no meu período de observação é o referente ao ano de 2018/2019, sendo que o de 2021/2023 foi entregue a mim ainda em fase de construção.

Com isto poderemos notar as diferenças e avanços que ocorrem nestes documentos, analisando e fazendo críticas positivas e/ou negativas acerca do trabalho pedagógico que é ofertado na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, e como essas questões podem atingir ou não a classe discente, o ensino/aprendizagem de artes, a sua valorização e desvalorização no Ensino Médio público da cidade de Castanhal.

Primeiro devemos entender a importância e função do Projeto Político Pedagógico para o cenário escolar, pois é um documento público no qual o corpo discente e qualquer pessoa de dentro e fora do ambiente escolar pode ter acesso, basta solicitar a alguém que trabalhe na escola que deseja conhecer.

O PPP foi criado e estabelecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) através da Lei n° 9394/96, que o torna obrigatório para as instituições de educação através da legislação do Conselho Estadual de Educação/Deliberação 07/2000. Ou seja, a produção e existência desse documento é indispensável para a educação formal no Brasil.

Sendo assim, deve-se entender qual a função que este documento tão importante carrega para as escolas brasileiras. Em resumo, o Projeto Político Pedagógico é a construção escrita e formal da organização e planejamento que a escola produz para conduzir, nortear e expressar a prática pedagógica adota por determinado ambiente escolar, ou seja, ela acaba dando a direção que será conduzido o calendário escolar.

A partir destas informações básicas irei analisar o PPP da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto correspondente aos anos de 2018/2019 e que foi utilizado ao retorno das aulas presenciais - não irei adentrar no de 2021/2023 devido ao fato de não ter acompanhado de perto a implementação do mesmo no cenário educacional da escola.

Inicialmente, vemos que o Projeto Político Pedagógico da escola Inácio Koury é bem estruturado, pois tem 67 páginas, dividido em doze partes, além de apêndices. A divisão ficou assim: Apresentação; Identificação da Escola; Histórico e Caracterização da Instituição; Caracterização dos Ambientes Pedagógicos; Justificativa; Concepção Filosófica e Missão; Objetivos; Metas; Ações; Metodologia; Avaliação e Referências Bibliográficas. Enquanto que nos Apêndices ficou: Projetos E Subprojetos; Sala Multifuncional – AEE; Laboratório Multidisciplinar; Sala de Leitura.

Com essas divisões já notamos como o documento nos fornece informações sobre basicamente toda a estrutura física, histórica e pedagógica da escola, nos revelando o que aguarda os discentes que frequentam o Inácio Koury Gabriel Neto.

Na primeira página após a capa da documentação, temos o Núcleo Gestor, Núcleo Pedagógico e o Núcleo Docente por área de conhecimento. No período que fiz a minha pesquisa de campo algumas coisas já tinham mudado, como por exemplo a direção e vice - direção, passando de Márcia Araújo do Socorro da Silva Araújo para Maria Eliana Soares. A vaga de direção ficou sem preenchimento devido ao fato de que, infelizmente, quem ocupava a vaga veio a falecer no período da pandemia da Covid-19.

Então, no período de outubro de 2021 a março de 2022, acompanhei a gestão da vice-diretora Maria Eliana Soares. Com isso, vamos para as áreas de conhecimentos, sendo divididas em: Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II, Língua Inglesa, Arte, Educação Física); Matemática e suas Tecnologias (Matemática); Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física, Química); Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia). Essas são as disciplinas ofertadas para o ensino médio no Inácio Koury.

Já na apresentação do Projeto Político Pedagógico a escola explicou e defendeu o que deseja realizar com seu trabalho para a comunidade escolar, afirmando que desde o ano de 2017 a mesma aderiu ao Projeto Jovem do Futuro que tem como objetivo melhorar a aprendizagem do alunado da escola, com ações que fortalecem a gestão da escola e o protagonismo juvenil com a utilização da metodologia Agente Jovem (I.K.G.N., 2018/2019,

p. 09). Então, essa é a metodologia e pedagogia principal que vem norteando a realidade escolar do Inácio.

No documento, também afirmam a importância da atualização do próprio com o decorrer do tempo justamente devido aos desafios e as necessidades de mudanças que acontecem no contexto social atual; a escola deve refletir esta nova sociedade que vai surgindo para que possa ajudar e orientar no desafio de desenvolver o trabalho de despertar valores, críticas e consciência nos alunos para tomar as decisões nas suas vidas.

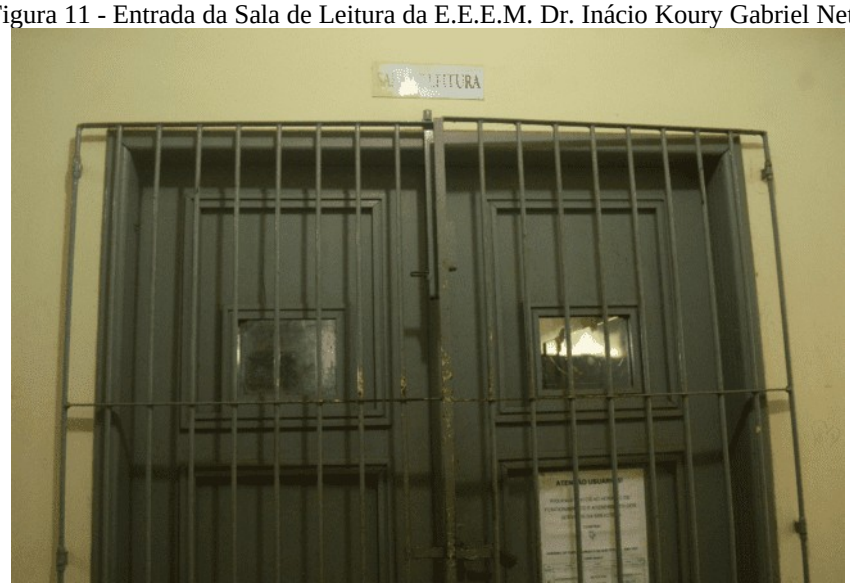
Após isto, temos uma breve história sobre a escola, sua organização, funcionamento e horários. No PPP de 2018/2019 o total de discentes era de 692, sendo 367 do turno da manhã, 148 do turno da tarde e 177 do turno da noite. Até que chegamos na parte de Caracterização dos Ambientes Pedagógicos, que me chamou bastante atenção, pois começa falando sobre o Laboratório de Informática e sobre a importância do acesso à internet com orientação de docente, para que os alunos e alunas possam adquirir autonomia, responsabilidade e interpretação do universo virtual e assim possam obter conhecimentos úteis para a vida pessoal e profissional. No entanto, essa ala da escola encontra-se desativada por falta de equipamentos informáticos.

Passamos para o Laboratório Multidisciplinar, que visa aproximar a teoria e a prática. Para o ambiente ser utilizado o (a) docente lotado para o mesmo deve apresentar um projeto de atendimento aos discentes e demais docentes, mas caso não tenha um lotado, o espaço pode ser utilizado com um agendamento prévio, ficando responsável pelo laboratório durante as suas atividades. No período em que observei, pude notar como os docentes da área das ciências da natureza buscavam utilizar bastante esse espaço para não ficarem somente na parte da teoria.

Isso mostra um bom comprometimento em não se aterem apenas ao modo tradicional da sala de aula, e sim poder mostrar outras formas de poder estudar e entender certos conteúdos; com a prática absorver o conteúdo poder ser mais possível e fácil, além de estimular bastante os alunos e alunas que desejam seguir em carreiras que têm interesse nestas áreas de conhecimento. Com isso, as aulas práticas acabam sendo “diferentes” pois coloca o estudante como “investigador”, construindo suas experiências, pensamentos críticos, e próprias conclusões, saindo da memorização de provas e estimulando para as investigações científicas, fazendo com que seja difícil para o alunado esquecer tal experiência (GARCIA; LIMA, 2011)

Temos também o espaço da Biblioteca e/ou Sala de Leitura, que fica com a sua coordenação exercida por um docente da área de linguagem após a apresentação de um projeto de trabalho. Na época do meu processo de observação, o responsável era o professor Arthur Conceição Santos da Gama. Nas Figura 11 e 12, abaixo, podemos ver a entrada do espaço:

Figura 11 - Entrada da Sala de Leitura da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Este espaço era bastante utilizado não apenas pelo corpo discente para a realização de trabalhos, estudos e leituras, mas também pelo corpo docente da área da linguagem e humanas, que visavam utilizar o espaço para um formato que saísse da tradicional sala de aula e que também pudesse de alguma forma estimular a leitura e frequência ao espaço aos alunos e alunas.

Com o interrompimento das aulas presenciais por causa da pandemia da Covid-19, alguns livros ainda não estavam disponíveis para o empréstimo, pois tinham poucas cópias disponíveis na biblioteca - somente os livros que estavam em grande quantidade podiam ser emprestados. Também houveram tentativas de recuperação de alguns que ainda estavam com alunos e alunas que tinham pego antes do interrompimento e ainda não tinham devolvido.

No entanto, no PPP diz que na Biblioteca haviam sido disponibilizados três computadores com acesso à internet para que os alunos e alunas pudessem fazer pesquisa, inscrições em processos, consultas de boletins online e digitação de trabalhos com a supervisão dos docentes que estavam lotados neste espaço, entretanto não foi o que constatei

no meu processo de observação, pois não vi esses computadores e muito menos esses processos de utilização pelo corpo discente.

Pela Lei 13.146, homologada em 06 de julho de 2015, no governo da presidenta Dilma Rousseff, é garantido que os alunos e alunas que apresentem alguma deficiência obtenham o direito à vivência educacional sistemática, e é pensando nessas questões que a escola oferta a Sala de Recursos Multifuncionais – AEE, que busca a inclusão do educando com necessidades educativas especiais, para que possam ter acesso a um espaço pedagógico de apoio, com um docente especialista em educação especial e inclusiva. O responsável deve prestar assistência aos professores e professoras das classes regulares e aos discentes.

Isso pode ocorrer durante os horários de aulas, ou ainda mesmo com atendimentos em outro turno, para que possa haver um mediador do processo ensino-aprendizagem com relação às especificidades dos educandos. No período da pesquisa de campo, pude notar como este departamento da escola era bastante levado a sério e respeitado tanto pelo/pela profissional responsável como pelos demais docentes, para que todos possam ter um acesso à educação que corresponda ao seu processo de ensino/aprendizagem.

No documento se fala sobre a Sala de Rádio Escola, onde é dito que o projeto busca a utilização desse suporte para poder ter mais dinâmicas nas aulas para as diferentes disciplinas e para melhorar a comunicação no ambiente escolar e transformar o rádio para docentes e discentes como instrumentos pedagógicos, porém este recurso está parado por falta de reformas e disponibilização de verbas do governo, e professores/professoras sentem falta deste recurso segundo as conversas que tive com os mesmos. Na Figura 12, mostra o espaço dedicado a este setor abandonado:

Figura 12 – Entrada da Rádio Educativa da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/2023

Chegamos na Quadra de Esportes, um dos espaços preferidos dos discentes, que em qualquer oportunidade buscam estar utilizando a mesma, contudo, nesse retorno, a sua utilização foi proibida devido às questões de segurança para com a Covid-19, deixando os/as docentes de Educação Física com um recurso extremamente importante cortado da sua didática e frustrando os discentes.

A quadra é justamente para garantir atividades culturais, de lazer, recreação e também para as aulas da disciplina de Educação Física, mesmo tendo sido interditada no período da pandemia. Ao conversar com o corpo discente, o mesmo afirmou que esse espaço é bastante utilizado para todas essas questões citadas acima. Abaixo (Figura 13), uma fotografia deste espaço:

Figura 13 – Quadra Esportiva da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jan/ 2023

Após essa parte, chegamos na quinta parte do documento, que se inicia com a Justificativa e passamos para: Concepção Filosófica e Missão; Objetivos Gerais e Específicos; Metas; Ações; Metodologias; Avaliação e Referências Bibliográficas. E são com esses tópicos que a escola mostra seus objetivos para com o seu corpo discente e as transformações e melhorias que tanto almejam.

Na Justificativa, a escola visa nos mostrar a importância da construção deste documento e no que ele influencia e contribui para o ambiente escolar. Nesta parte, destaquei duas partes que considerei importantes no texto; a primeira é: *"É importante a construção de um plano democrático de decisões na escola, pois visa minimizar as relações de poder e com isso, romper as práticas autoritárias e burocráticas, propondo uma nova forma de atuação e atendimento com maior qualidade ao educando" (PPP, 2018/2019).*

Este trecho nos mostra como o Inácio visa trazer uma relação horizontal entre funcionários e corpo discente, já que estamos lidando com jovens chegando no início da vida "adulta", com esse processo de amadurecimento e entendimento de responsabilidades que são fundamentais para o crescimento desse alunado.

O segundo trecho é: *"busca também o aumento do desempenho escolar dos discentes e diminuição dos índices de evasão por meio de uma nova forma de ensinar e aprender, além de fazer uma gestão escolar para resultados" (PPP, 2018/2019).*

É de suma importância ressaltar o compromisso da escola em fazer com que a evasão escolar diminua, algo que pude notar no meu processo de observação, principalmente após a pandemia, o que é fundamental, já que estamos falando de uma escola pública onde a maioria dos seus estudantes são negros, de classes mais baixas e agrovilas. Essas questões sociais contribuem para que muitas das vezes a escola e a educação não sejam vistas como um caminho para o futuro.

Quando chegamos nos Objetivos, ele divide-se em Geral e Específicos, sendo que é somente nesse segundo que temos citações relacionados a arte-educação, sendo eles a culminância de uma mostra cultural e científica para mostrar os resultados das ações do ano coletivo e a realização de um concurso de poesia para estimular a produção poética e fomentar a cultura, amenizando as dificuldades na leitura e interpretação de textos.

Nesse segundo, trazemos uma ligação entre a disciplina de Português e a Arte da Literatura. No período que frequentei o espaço para o processo de observação e participação, notei que vários alunos e alunas praticavam o hábito da escrita de poesias, desde questões mais pessoais até reflexões mais sociais e políticas, buscando refletir sobre as situações ao seu redor.

Chegamos na parte de Metodologias, onde a única coisa que dizem que vão utilizar é o Agente Jovem. Não obtive o conhecimento necessário para descrever acerca do funcionamento desse método de ensino utilizado, porém deduzo que está vinculado ao PJF (Projeto Jovem de Futuro) citado nas Referências Bibliográficas, e que deve buscar dar protagonismo ao jovem e suas narrativas.

Após isto, chegamos na Avaliação, que se divide em: Do Projeto; Do Rendimento dos Discentes. Nesses tópicos o documento explica como funciona a avaliação do projeto implementado, desde os pontos positivos e negativos, e como ocorre a avaliação dos estudantes e os processos para a conclusão do ensino médio. E por fim chegamos às Referências Bibliográficas.

Chegamos nos Apêndices, que nos mostra os projetos e subprojetos de 2018 e 2019, a temática de cada um, seu funcionamento e o docente responsável pela a criação do projeto. No caso do PPP referente a 2018/2019, esses apêndices são divididos em três projetos: o primeiro voltado para a sala de recursos multifuncionais, elaborado e defendido pela docente Maria Eliana Soares; o segundo é o plano de ação para o laboratório multidisciplinar

encabeçado pela professora Maridalva Costa Nascimento; e por último, o plano de ação da biblioteca defendido pelo professor Arthur Conceição Santos da Gama.

Como podemos notar, o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Inácio é bastante elaborado e detalhista. Nos mostra todo o compromisso que a escola tem com o seu alunado e as suas demandas e realidades, algo que pude notar no período que estive presente na escola, todavia vejo como a arte-educação fica relativamente "esquecida" na documentação, tendo pouca citação da sua importância, projetos menores e maiores no calendário escolar, mesmo com os alunos e alunas mostrando um grande interesse pela disciplina.

Essa constatação pode nos trazer um questionamento: esse "esquecimento" ocorre devido ao fato de ser basicamente a única disciplina na grade curricular do velho ensino médio que tem a sua obrigatoriedade apenas até a primeira série desta última etapa do ensino básico? Ou também está vinculado ao fato do histórico de desvalorização do ensino e aprendizagem de Arte, não sendo vista como algo importante para se estudar e aprender na escola? Esses são questionamentos que irei aprofundar nos próximos capítulos da pesquisa com a utilização da pesquisa de campo e dos dados coletados.

Por último, minha crítica construtiva ao PPP da escola se dá ao fato de não ter encontrado nenhuma citação à Lei 10.639/2003 e a 11.645/2008. A primeira fala sobre a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira nas escolas e universidades de todo o país, e a segunda é voltada também para a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas.

Trago esse questionamento devido ao fato da importância da existência das leis, da importância da valorização e conhecimento dessas narrativas e culturas que tanto contribuíram para a construção do nosso país, o combate ao racismo, silenciamento e apagamento destas colaborações ao longo dos anos, e para além disso, o fato de tentar entender e trazer um ensino próximo à realidade do corpo discente. O autor Silvio de Almeida explica como a exclusão do alunado negro no sistema educacional é preocupante:

> Só assim a exclusão escolar será compreendida como o início da exclusão social da criança negra, já que o acesso ao conhecimento sistematizado é fundamental para que o repertório cultural das pessoas possa se expandir. Os (as) professores (as) brasileiros (as), via de regra não percebem as graves diferenças existentes nos resultados escolares de crianças negras e brancas, não estabelecem relações entre pertencimento racial/étnico, gênero e desempenho escolar, e não percebem como isto interfere na sua própria conduta. (SILVA, 2003, p.67).

Estamos falando de uma escola pública que tem como principal população a de estudantes jovens negros e negras que advém de uma periferia, agrovilas e outras localidades. Tentei mostrar a eles que seu arcabouço cultural, descendência e existência carregam uma importância e beleza fundamental para a história da cidade castanhalense, da região norte e do país, e é de extrema necessidade para combater o racismo estrutural que ainda herda 388 anos de sistema escravocrata.

No período que estive atuando na escola, quando chegamos no período de novembro, não ocorreu nenhuma fala ou projeto, nada voltado para o mês da consciência negra (declarado no documento da Lei 10.639/2003) - somente nas aulas de Artes com os primeiros anos o professor trouxe a temática para ser discutida e falada. No documento homologado da lei fica bem explícito e explicado que a disciplina de Arte é uma das três principais que devem implementar esses conteúdos no seu processo de ensino/aprendizagem.

Mas não trago essa crítica de forma tão incisiva, já que preciso lembrar que este período de retorno ainda estava com bastante limitações devido às medidas de prevenção a Covid-19. Sendo assim, várias formas e espaços não podiam ser utilizados para evitar aglomerações, contatos e estímulos, além de que o corpo docente estava se reestruturando para a nova realidade e lacunas causadas pelo ensino online. Portanto, não posso afirmar se em anos anteriores essa questão era debatida ou não, mas fica a crítica a falta de citação e explicação no PPP.

Com o caminhar na história da cidade de Castanhal, sua formação e a minha relação com a mesma, a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto e a sua importância para o cenário educacional público e seu Projeto Político Pedagógico, seguirei no próximo capítulo explicando e narrando sobre minha experiência vivenciada na escola citada acima e os dados coletados nesse processo e as culminâncias dessa investigação para a arte-educação e cultura no interior do nordeste paraense.

2. ARTE-EDUCAÇÃO, PESQUISAS, VIVÊNCIAS

Com a pandemia da Covid-19, a educação brasileira se encontrou em uma situação de calamidade e desigualdade muito maior do que o habitual. As escolas públicas se viram sem recursos para ofertar um ensino de qualidade. A arte-educação, que já é desvalorizada na grade curricular, acabou ainda mais prejudicada. O retorno ao presencial após quase dois anos de ensino remoto nos traz um cenário escolar diferente e um "novo" corpo discente com demandas mais complexas, além de velhos problemas de implementação de leis sancionadas há vinte anos que afetam diretamente no ensino brasileiro. Entender como isso ocorre em uma escola pública de ensino médio na cidade de Castanhal e a relação dos estudantes com a arte-educação vai ser o processo da pesquisa para este segundo capítulo.

2.1 – Por uma arte-educação inclusiva e diversificada

Como visto no final do primeiro capítulo, o Projeto Político Pedagógico é de extrema importância para a construção educacional das escolas públicas e privadas, por nos direcionar em como vai ocorrer o funcionamento perante o corpo discente e os objetivos que a escola visa alcançar e ofertar para seu público.

Com isto, no período de observação e pesquisa na escola Inácio Koury Gabriel Neto, situada na cidade de Castanhal, tive acesso ao PPP que a escola utilizou como norte para o seu funcionamento ao retorno das aulas presenciais, sendo que este foi elaborado em 2018/2019, e utilizado no retorno de 2021.

No 1.3 desta pesquisa, demonstrei minha análise sobre toda a estruturação, organização do documento e apesar de todo o engajamento e pontos positivos encontrados, algo ficou bastante inquietante. Como um documento feito em meados de 2018/2019 voltado para a educação básica não menciona, e tão pouco implementa, as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008? Sendo que ambas têm quase 20 anos que foram sancionadas e se tornaram obrigatórias para a rede de ensino público e privado de todo o território brasileiro.

Antes de falarmos de toda a problemática de uma das mais importantes escolas do cenário castanhalense ainda seguir negligenciando estas leis, primeiro deve-se explicar sua importância e funcionamento, e a importância dessa conquista dos Movimentos Negros brasileiros.

Como apresentado em minha pesquisa de TCC, realizada no ano de 2019, na qual explico a importância da lei 10.63/2003 para a arte-educação e combate ao racismo:

> A lei foi sancionada no dia 09 de janeiro de 2003, no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, tornando o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira obrigatório no Ensino Fundamental e Médio nas escolas de todo o país, incluindo o estudo da história do continente africano e os seus povos, a luta da população negra no país e a cultura desses povos na construção da sociedade brasileira, para o resgate da contribuição do negro(a) na formação social, política e econômica na história do Brasil. Estes conteúdos têm de ser ministrados em todo o currículo escolar, principalmente nas áreas de Artes, Literatura e História brasileira, além da inclusão do Dia da Consciência Negra no currículo escolar, no dia 20 de novembro. (SETÚBAL, p. 17, 2019)

Além de um documento de resumo do sancionamento, podemos ter acesso de forma online e gratuita na internet o documento de homologação da lei, que nos mostra e explica as demandas que as leis buscam acessar e corrigir da enorme dívida que o país tem com a população negra, além de que, no dia 10 de março de 2008, também no governo do presidente Lula, a lei acaba sofrendo uma atualização muito importante para que ocorra a inclusão da história, contribuição e luta dos povos indígenas para com a sociedade brasileira.

Sendo que se deve entender que a implementação das leis são fundamentais para o combate ao racismo estrutural vigente no Brasil devido aos 388 anos de sistema escravocrata que fez com que a população negra (trazida do continente africano) e os povos indígenas fossem perseguidos, humilhados, silenciados e colocados em condições desumanas devido a ideia racista de que os colonizadores europeus acreditavam ser superiores às demais etnias.

Com essas mazelas históricas chegando até os dias atuais o Brasil segue com o racismo de forma estruturada[3] nas suas raízes, não sendo diferente no âmbito educacional, que foram construídas para valorizar o pensamento e a história dos países colonizadores que além de invadir e saquear nosso território, também promoveram apagamentos sistemáticos de toda a importância e contribuição dos povos originários e da população negra. É justamente para combater e reverter esta situação que as leis citadas acima se fazem mais do que necessária, são fundamentais para a construção de uma educação decolonizada[4], tornando nosso país capaz de respeitar e valorizar duas populações fundamentais para a nossa cultura, identidade, história, social, política etc.

3 Racismo estrutural é uma decorrência da própria estrutura social, que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares, assim não é uma patologia social e/ou desarranjo institucional, sendo os comportamentos individuais e as instituições são derivados de uma sociedade cujo o *racismo é regra e não exceção* (ALMEIDA, 2019)

4 O pensamento Decolonial trata da necessidade de superar a colonização para além do território, libertando o pensamento, o conhecimento e a cultura de maneira estrutural para que os sujeitos superem o estigma da colonização (MIGNOLO, 2003).

Então, com a homologação tornando obrigatório tais leis, o que se espera das escolas das redes públicas e privadas são o respeito e cumprimento da lei, o que infelizmente na prática não se é notado, pois há vinte anos que os Movimentos Negros estão lutando para que a lei seja cumprida, ou seja, há vinte anos que estamos falando sobre implementação.

Situação exposta pela Globonews em uma reportagem de abril no ano de 2019, na qual mostra a defasagem do ensino afro-brasileiro das escolas, sendo que somente 29% das instituições públicas implementaram na sua grade curricular conteúdos relacionados a cultura afro-brasileira, sendo que estes dados foram levantados e realizados pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra e o Instituto Alana.

Na mesma pesquisa, é informado os principais desafios apontados pelas secretarias educacionais do país para o cumprimento da lei 10.639/2003, sendo estes: A ausência de apoio de outros entes ou organizações (53%); Dificuldades em aplicar o ensino nos currículos e nos projetos (42%); Falta de orientação e informação suficiente sobre a temática (33%); Pouca mobilização ou desinteresse dos profissionais (31%).

Sendo que falar desta implementação da lei no currículo escolar do ensino básico, perpassa também pelas questões da educação no ensino superior, pois um dos pontos levantados na pesquisa citada acima é a falta de orientação e informação suficiente sobre a temática e a pouca mobilização ou desinteresse dos profissionais. Isto nos leva a pensar que há também um atraso e uma defasagem na implementação destas leis no ensino superior, principalmente nas licenciaturas, que são a formação dos novos profissionais de educação, desde a pedagogia até as licenciaturas mais específicas.

Esta questão é fundamental. Como podemos exigir profissionais adequados para a implementação do conteúdo básico, se na maioria dos ensinos superiores as licenciaturas também ainda seguem no processo de corrigir e atualizar os seus PPC’s. Na minha pesquisa de TCC, falo sobre a situação do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual fui estudante dos anos 2016 até 2019.

No meu período de estudante na licenciatura em Artes Visuais, o PPC utilizado pela Faculdade de Artes Visuais (FAV) era o elaborado, produzido e aprovado no ano de 2007, na qual o mesmo cita a lei 10.639/2003, sendo que era voltada somente para determinadas disciplinas, e na prática não implementado no cotidiano acadêmico do curso, tanto que só tive conhecimento dos meus direitos enquanto estudante de uma graduação em licenciatura e de

uma futura profissional da arte-educação, no projeto do falecido professor Arthur Leandro, na qual trazia relatos de artistas e arte-educadores negros/negras e sobre a lei 10.639/2003.

Então, a implementação da lei no curso de fato não ocorreu, porque para além de não ter realmente sido citada e utilizada na grade curricular do curso, sendo que Artes é considerada uma das três principais disciplinas que deve estar à frente desta luta, na prática o estudo sobre a história, cultura e arte africana e afro-brasileira era basicamente nula, tendo a mudança somente no ano de 2019 para 2020, ou seja, quase vinte anos depois da homologação da lei.

Isto acaba fazendo com que basicamente por quase duas décadas um dos principais cursos superiores de arte-educação na região Norte negligenciou a formação de profissionais da área da educação, ficando a nosso critério e pesquisa pessoal acessar o conteúdo e conhecimento necessário para repassar aos nossos estudantes do ensino básico. Assim pergunto, como cobrar somente dos profissionais do ensino básico, se não ocorre as devidas mudanças a partir do ensino superior? Isso e outros fatores nos levam a esse ciclo vicioso, de sempre estar batendo na implementação, invés de uma real aplicação do conteúdo nas escolas, fazendo com que o reconhecimento e valorização da cultura e arte afro-brasileira demore mais.

Um exemplo de como é extremamente preocupante essa falta de aplicação da lei no ensino básico, é a escola Inácio Koury Gabriel Neto, em Castanhal, pois e como dito anteriormente, as leis são ignoradas totalmente no Projeto Pedagógico, assim reflito: Como este apagamento pode afetar o ensino de arte-educação e das outras disciplinas desse corpo discente?

O que torna ainda mais preocupante esse apagamento , é devido ao fato da escola ser pertencente ao Governo do Estado, ao qual temos o documento de construção do currículo paraense, ano de 2021, destinado para a fase do Ensino Médio, disponível de forma gratuita na internet, sendo que na página 43, temos o “2.1.1 – Respeito às diversas Culturas Amazônicas e suas Inter-Relações no Espaço e no Tempo”, na qual cita as leis e a importância das mesmas para o combate ao racismo e o respeito a nossa formação pluriétnica na região Norte, como veremos na citação abaixo:

> Torna-se necessário, portanto, trazer para o espaço escolar o debate decolonial das relações etnicorraciais, dando visibilidade para a nossa matriz afro-indígena, atendendo aos direitos conquistados a partir do estabelecimento da Lei nº 10.639/2003, e sua alteração com a Lei nº 11.645/2008, que instituíram diretrizes para a educação das relações etnicorraciais e no combate ao racismo e desigualdade

> racial nas escolas do Brasil (BRASIL, 2004; COELHO; COELHO, 2015). Assim, faz-se necessário, descolonizar o currículo paraense, ainda impregnado de noções importadas de horizontes interpretativos que não dão conta das nuances do estado do Pará. (DCEPA, p. 44, 2021)

Primeiro, se deve pensar que tornar tais conteúdos obrigatórios é uma questão de dívida histórica, pois sabemos que o sistema escravocrata deixou uma dívida enorme perante a população negra e seus descendentes, que por conta da estruturalização do racismo teve suas narrativas e contribuições na construção do Brasil apagadas, única e exclusivamente pelo fato da ideia de “superioridade” de uma etnia perante a outra, contribuindo para a disseminação, até os dias atuais, do racismo no imaginário popular brasileiro (RIBEIRO, 2019)

Segundo, a nossa educação deve entender a realidade do alunado e buscar sempre trazer as suas vivências e condições socio culturais para o cenário educacional, principalmente no caso das escolas da rede pública, seja municipal ou estadual, pois geralmente são onde mais encontramos alunos e alunas de classes mais baixas, negros e negras.

No caso da escola Inácio Koury, essa situação se complica justamente pelo fato da mesma abranger no seu corpo discente em sua maioria jovens negros das periferias de Castanhal, como os bairros Milagre, Portelinha, Cariri e Pirapora, mas para além disso, jovens das agrovilas ao redor da cidade e jovens quilombolas e/ou remanescentes quilombolas, que são descendentes, mas por alguns fatores vieram tentar a vida da parte dita urbana da cidade.

Então, a arte-educação nessa instituição deve buscar entender e se aproximar da realidade e das histórias da diversidade dos alunos e alunas que carregam, pois como fazer estes sujeitos gostarem de uma disciplina que por muitas vezes só se debruça para apresentar conteúdos eurocentrados, distante da realidade do alunado da rede pública? Trago esses questionamentos não por se contra o ensino da arte europeia, a dita arte erudita, mas para apontar que existe outras culturas, histórias e experiências que se tornam parte do cotidiano de nossos alunos, na qual a arte afro-brasileira e a arte dita popular também deve se fazer presente, visto que é na experiência que construímos nossas perspectivas culturais e sociais (BRANDÃO, 2007).

Por muitas vezes a falta de interesse do alunado perante as aulas de artes, é justamente por serem trabalhados assuntos distantes da sua realidade e gostos, negligenciado seu arcabouço cultural e muitas vezes tratando tais referências como algo inferior ao assunto trabalhado em sala de aula.

Para exemplificar, tive vários momentos de observação na escola, nos quais pude presenciar que os jovens viviam dançando e cantando pelos corredores, pela quadra, nas salas de aula quando estavam sem aula e/ou esperando realizar alguma outra prova. Nas conversas que tive com alguns e durante o processo de convite para o projeto (que será explicado no capítulo três), notei como a escrita de poesias, os desenhos e pinturas também tinham muita força, todas essas manifestações artísticas advindo da cultura popular, da rua, das festas e de processos de socialização diversos que inseridos em suas vidas por meio de experiências realizadas fora do contexto escolar, acabavam por sofrer algum tipo de marginalização, visto que ainda é recorrente o pensamento de que a escola ainda é o principal local formador de educação (BRANDÃO, 2007; FUSARI; FERRAZ, 2001).

Neste contexto, a atualização do PPP, na qual respeite a obrigatoriedade da lei 10.639/2003 e a 11.645/2008 se faz de extrema urgência na E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, não somente pelo fato de respeitar uma lei que está em vigor há vinte anos, mas também para que o próprio ensino e aprendizagem em artes no cenário escolar seja mais dialógico e principalmente próximo das experiências dos alunos e alunas.

Isto poderá fazer com que a realidade cultural dos alunos negros das periferias, agrovilas e quilombolas sejam respeitadas e valorizadas, provando a estes sujeitos que o *beat*[5] que tanto amam e o fazem remexer os corpos em coreografias elaboradas carrega muito mais arte e história do que imaginam, e que a escola que afirma tanto fazer uma educação voltada para o jovem, entenda que esses passos e caminhos são fundamentais para a compreensão das singularidades culturais de descendências negras e sua extrema importância para nosso país.

2.2 – Juventude, informalidade, anseios e registros

Após os processos de observação, no final do ano letivo, em meados do mês de fevereiro, realizei a pesquisa com os estudantes de todas as turmas do Inácio Koury através de um questionário composto por questões objetivas (de marcar) e questões discursivas (de respostas pessoais) para poder compreender melhor o alunado e sua relação com a arte-educação.

Neste formulário os estudantes podiam declarar a série que estavam estudando, sua idade, sexo e/ou gênero, seguida por cinco questões de marcar, sendo elas:

5 *Beat:* um substantivo masculino relacionado a condução do ritmo da música. No dicionário: 1. Andamento rítmico pronunciado, principal característica do *Jazz*.
2. Compasso quaternário acentuado, principal característica do *rock*

Você gosta de arte?

Você se interessa em estudar e/ou produzir arte?

Qual área da arte mais lhe atrai? Dança, Música, Teatro, Artes Visuais, Outro_____

Você diria que a arte é presente na escola que estuda?

Você preferia que a disciplina de arte fosse até o 3° ano do Ensino Médio?

Nas questões discursivas, onde os estudantes responderam totalmente livres e sem conduções minhas, para que assim as respostas fossem pessoais e sinceras para a coleta de informações, foram compostas por três perguntas, sendo:

Você considera o ensino das artes importante?

O que você espera e deseja aprender na disciplina de artes?

Você tem sugestões de melhorias para o ensino das artes na escola? Se sim, escreva.

Com as questões objetivas e os dados pessoais básicos, organizei as informações para elaborar os gráficos que representam as respostas declaradas pelos alunos e alunas da primeira a terceira série do ensino médio, como veremos abaixo, os dados gerais da pesquisa:

Tabela 01 – Dados Gerais da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto

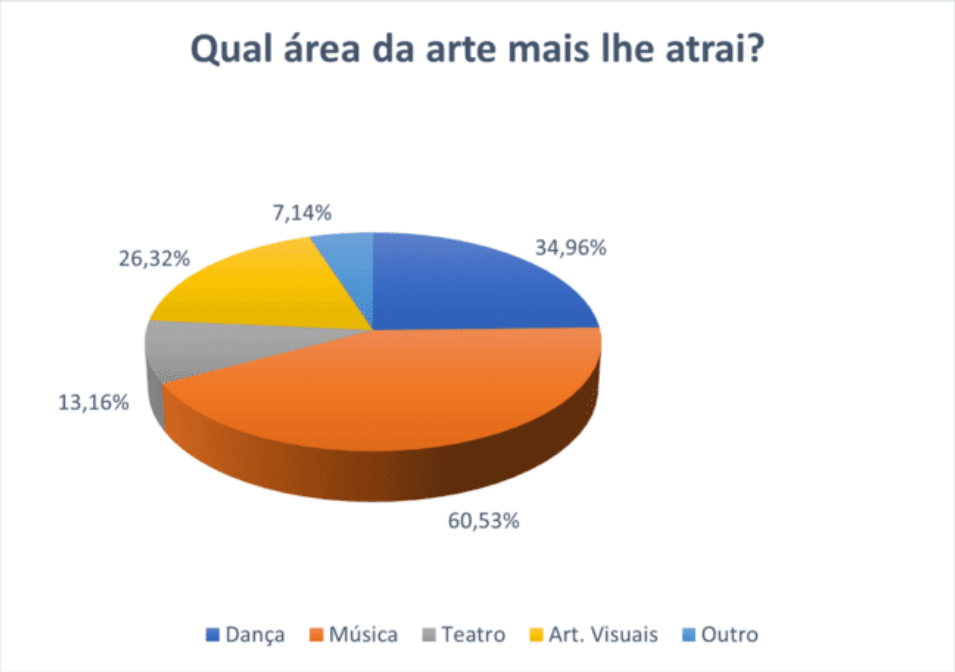
Geral	
Você gosta de arte?	
Sim	254
Não	12
Você se interessa em estudar e/ou produzir arte?	
Sim	179
Não	84
Qual da área arte mais lhe atrai?	
Dança	34,96%
Música	60,53%
Teatro	13,16%
Art. Visuais	26,32%
Outro	7,14%
Você diria que a arte é presente na escola que estuda?	
Sim	129
Não	129
Você preferia que a disciplina de arte fosse até 3º ano do Ensino	

Médio?	
Sim	190
Não	75

Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Na tabela acima, temos os dados gerais, ou seja, as respostas dos discentes de todas as turmas da escola Inácio, sendo que obtive 266 respostas ao questionário no total, não sendo todo o público da escola, devido alguns não estarem presente nos dias da entrevista, mas a sua maioria, o que me traz um bom número para os dados que irei apresentar, separei as duas perguntas principais do questionário para a análise da relação do alunado com a arte-educação. O próximo gráfico, trará o resultado para a terceira pergunta: Qual área das Artes mais lhe atrai?

Gráfico 01 – Dados referentes as respostas obtidas para a terceira pergunta objetiva da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Ao analisarmos este gráfico, vemos como a Música é o segmento artístico que mais atrai o público jovem da escola, sendo 60,53% (161 votos), ou seja, mais da metade do público sente uma aproximação muito maior com a música, algo que pude notar no processo de observação, sempre que possível a maioria estava ouvindo músicas em caixinhas de som próprias, no fone de ouvido, na caixa de som da escola, enfim, por onde andávamos, escutávamos o gosto musical da juventude do Inácio.

Podemos pensar com esses dados como a música acaba tendo uma importância fundamental para esse alunado, e como parece ser indispensável no seu cotidiano, sendo na construção da sua personalidade e pensamentos críticos, ou entretenimento e afins. Esta linguagem artística tem muita presença em nossa população. Isto ocorre por seu consumo, que voltado a informalidade acaba por estar presente em vários momentos, principalmente no que tange o público jovem. A música segue sendo um contato contínuo e necessário na vida desses jovens e se faz necessário propor um maior diálogo entre Artes Visuais e Música para mostrar a estes alunos como essas suas referências pessoais tornam-se seus arcabouços culturais e principalmente como estes reverberam em nossa cultura.

O segundo mais votado foi justamente a Dança que tem bastante vínculo com o mais votado, recebendo 34, 96% (93 votos), outra porcentagem que acabava esperando, pelo fato de também observar na pesquisa de campo que a maioria dos sujeitos que estavam ouvindo música pela escola, acabava também dançando e/ou pedindo para aprender para algum amigo ou amiga, desde funk até o brega, marcantes, melody, *Tik Tok* e afins, mostrando novamente como as relações entre as disciplinas artísticas devem estar em constante estado de interdisciplinaridade. Na Figura 14, vemos a equipe de dança que se apresentou no projeto cultural da escola (Em 3.3):

Figura 14 – Equipe de dança do projeto cultural



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Importante notar que as linguagens artísticas mais presentes de maneira informal no cotidiano dessa juventude, acabaram sendo as que mais lhe atraem, pois desde a infância se pode ter o contato no seio familiar, ao percorrer o bairro e a cidade nas andanças, em eventos culturais, nos mostrando como a nossa vivência é processo de aprendizagem e cultura, e como esse processo pode ser fundamental para uma escola mais próxima da realidade do seu alunado e da valorização das Artes.

> É a cidade, como espaço de cultura, educando a escola e todos os seus espaços e a escola, como palco do espetáculo da vida, educando a cidade numa troca de saberes e competências. A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadores. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só, espontaneamente, informalmente. (GADOTTI, 2005, p. 5)

Em terceiro, temos as Artes Visuais, com 26,32% (70 votos), em uma porcentagem alta se assim podemos dizer, mas ao mesmo tempo podemos pensar: Por que uma disciplina que precisa basicamente de lápis e papel, para sermos bem reducionista, está em terceiro lugar?

Os motivos que levam a esse resultado são inúmeros, mas aponto que a dificuldade de uma alfabetização visual mais consistente, referenciada por contextualização e prática, aos moldes da Abordagem Triangular[6] de Ana Mae Barbosa, ainda é bem pouco consolidada nas aulas de Artes Visuais, levando os alunos a uma descontextualização, diria até uma dissociação dos alunos perante as imagens. O que nos leva ao possível próximo problema, a banalização da imagem no século XXI, visto que estamos localizados na era das mídias sociais, que apresentam carrosséis de imagens por segundos, o tempo de assimilação e análise para imagens acaba sendo diluído em uma próxima atualização, tornando impossível perceber as informações e imbuídas de significados. Analice Dutra Pillar explica como a invasão de imagens e um entendimento errôneo da leitura prejudica o entendimento visual:

> A densidade visual das imagens cresceu em progressão geométrica nas últimas décadas. Se fala numa ecologia da imagem que se ocupa da pressão visual a que estamos submetidos no cotidiano. Esta invasão de imagens combinada com seu caráter predominantemente “realista” é o que tem levado à falsa afirmação de que as imagens comunicam de “forma direta”, sem a necessidade de uma análise de como comunicam, como funcionam enquanto discursos visuais. (PILLAR, 2012, p. 83)

6 Abordagem Triangular: metodologia defendida pela autora Ana Mae Barbosa a qual defende a utilização de um triangulo, que carrega nas suas pontas três bases para o ensino da arte: Contextualizar, Ler, Fazer. Sendo que o/a docente escolhe com qual ponta iniciar o processo de ensino aprendizagem, sendo assim uma abordagem dialógica.

O menos votado foi o Teatro, com 13,16% (35 votos), vejo esta estatística muito baixa sem surpresa. O segmento das Artes Cênicas, ainda sofre com o mesmo preconceito que enreda as Artes Visuais, o classismo e a falta de acesso. Ao conversar com as turmas, a maioria respondia que nunca tinha assistido a uma peça e que nem sentia curiosidade em como ocorria, mesmo a cidade de Castanhal fornecendo o Serviço Social da Indústria (SESI), os espetáculos de teatro estão fortemente ligados a cultura erudita, principalmente se pensamos em óperas e recitais de música clássica, que foram as principais atrações teatrais trazidas para a capital durante o período da Belle Époque, símbolo maior da hierarquização cultural em nossa cidade.

Assim a presença do teatro na vida desse alunado é reduzida somente a peças escolares como foi o caso da turma do segundo/quarto que gostou de fazer uma peça teatral para representar partes do texto do livro “O cortiço”, mas ainda assim foi um interesse em sair do clássico estilo de aula, mas que pode futuramente ter alguma influência, a Figura 15 abaixo mostra uma das equipes que fizeram o trabalho:

Figura 15 – Aula de teatro para “O Cortiço” com o segundo ano



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Esse dado acerca do teatro nos mostra como o acesso aos aparelhos de distribuição de artes, como museus, galerias e espaços teatrais também é de suma importância para a construção cultural de uma população. A possibilidade de acesso em suas várias formas e possibilidades amplia conhecimento acerca de artes, para assim poder conhecer a diversidade

artística e construir seu conhecimento e gosto com um catálogo diversificado, pois como saber se gostas ou não se não teve acesso? Gadotti nos explica a importância da educação não-formal, como visto acima o não acesso a espaços educacionais não-formais, levou o alunado do Inácio a não sentir tanto interesse por Artes Visuais e Teatro.

> A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal...Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (GADOTTI, 2005, p. 2)

Nota-se que apesar de um alunado em sua maioria desejar e se interessar pelo estudo e conhecimento das Artes, os percalços encontrados pelo caminho acabam dificuldade o ensino-aprendizagem e uma expansão de seus entendimentos acerca da diversidade artística e cultural que carregam e podem encontrar dentro do ensino formal, não-formal e informal, isso desde a desvalorização da disciplina, no caso do Inácio sendo apenas até o 1º ano do Ensino Médio e poucos projetos no PPP, além da falta de inserção da cultura popular nesses ambientes, o acesso a outras formas de espaços educacionais e o entrelaçamento que esse contato e fortalecimento pode ocasionar para a arte-educação de crianças e jovens.

Por último, os/as entrevistados(as) tinham a opção de escrever outras formas mais específicas que lhe interessassem nas Artes, sendo que esse Outro teve 7,14% (19 respostas), sendo que na maioria as respostas eram: desenhos, pinturas, literatura, poesia, fotografia etc. O que nos mostra como temos gostos específicos, que talvez se relacione com quem deseja seguir estudando e/ou produzindo nas artes. A soma das porcentagens e respostas nessa pergunta ultrapassa as 266 entrevistas conseguidas, porque expliquei para os alunos e alunas que podiam marcar mais de uma opção nessa questão.

Por último, o gráfico abaixo, nos traz as respostas acerca da última pergunta objetiva da entrevista, sendo ela: Você preferia que a disciplina de Artes fosse até o 3º ano do Ensino Médio?

Gráfico 02 – Dados referentes as respostas obtidas para a última pergunta objetiva da pesquisa realizada com os discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Para a última pergunta objetiva, tivemos 190 para “Sim”, ou 72%, enquanto para “Não” foram 75 respostas ou 28%. Nesse caso, vemos como temos um alunado interessado pelo ensino das artes, pois não somente com essas entrevistas, mas também, através de conversas ao longo do processo da pesquisa de campo, os estudantes das turmas do primeiro ao terceiro ano do ensino médio do Inácio me informaram que desejam que a disciplina seguisse até o último ano, pois gostavam e queriam aprender mais sobre história da arte, sobre como produzir e entender melhor. Afirmaram se sentir muito frustrados em não ter acesso a esses conteúdos até o convênio, pois estudar somente por um ano os assuntos de forma mais aprofundada (que é a ideia do ensino médio) não era tempo suficiente para realmente estudar e aprender com qualidade, isso nos mostra como a luta pelo reconhecimento da importância do ensino/aprendizagem de Artes ainda segue extremamente necessária. Ana Mae Barbosa nos fala sobre essa desvalorização:

> A aprendizagem da Arte é obrigatória pela LDB no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Contudo, algumas escolas estão incluindo a Arte apenas numa das séries de cada um desses níveis porque a LDB não explicitou que esse ensino é obrigatório em todas as séries. No caso do Ensino Médio, algumas Secretárias de Educação estão usando o subterfúgio da interdisciplinariedade, e incluem todas as Artes na disciplina de Literatura, ficando tudo a cargo do professor de Língua e Literatura. Essa é uma forma de eliminar as outras linguagens de Arte, fazendo prevalecer o espirito educacional hierárquico da importância suprema da linguagem

> verbal e consequentemente desprezo pela linguagem visual. (BARBOSA, 2012, p. 13 e 14)

Através das perguntas objetivas consegui identificar que tínhamos um corpo discente na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto bastante interesse pelas artes, mas que infelizmente seguem sendo prejudicados pela desvalorização da disciplina na grade curricular. O apagamento desta nos projetos da escola também acaba reforçando um ensino e aprendizagem defasado e limitado, que não percebe como as artes são importantes para essa juventude. É oportuno compreender que a implementação de uma educação escolar voltada para o protagonismo juvenil (como dito no próprio PPP), necessita desse olhar para a cultura e arte, pois em nosso contexto apartado da capital, a escola acaba sendo um dos pouco lugares os quais a arte se faz presente de maneira sistematizada, isto poderia refletir numa valorização da cultura e arte da própria cidade, que em parceria com o processo de ensino informal, podem caminhar juntas para fortalecer e ampliar as perspectivas socioculturais locais.

Agora, seguiremos com a análise de algumas respostas das perguntas discursivas, na qual faço a seleção de uma resposta para representar cada série do ensino médio. Opto por esta seleção apenas para sistematizar a escrita do texto, pois como obtive muitos resultados, desejei selecionar as que mais chamaram atenção para as propostas da pesquisa, sendo possível o acesso de todo o conteúdo dessas entrevistas nos apêndices deste trabalho.

Analisaremos a seguir, as respostas subjetivas da Entrevistada 01, de quinze anos, do primeiro ano, sobre as três perguntas discursivas da entrevista, sendo a primeira questão *“Você considera o ensino das Artes importante?”*, a segunda questão *“O que você espera e deseja aprender na disciplina de Artes?”*, e a terceira e última pergunta *“Você tem sugestões de melhoria para o ensino das artes na escola? Se sim, escreva.”*, as respostas, respectivamente foram:

> Sim, a arte é muito importante porque traz cultura também, e é muito importante sabermos a nossa cultura. E muitas pessoas querem trabalhar na área da arte, mas nosso país não valoriza essa área.
>
> Cultura, música, dança e a história por trás de cada área e como podemos trabalhar com isso futuramente.
>
> Sim. Desenvolver isso com os alunos de forma que faça eles se interessarem, como projetos de exibição de qualquer área da arte, dança, pintura etc. (ENTREVISTADA 01, 2021.)

Nas respostas da aluna, vi um certo amadurecimento nos seus pensamentos sobre a importância da arte nas nossas vidas e na sociedade, pois ela afirma como é importante sabermos sobre nossa cultura e como a arte está ligada a ela. É possível notar que a discente espera uma arte-educação que a aproxime da própria cultura e da arte, seja nacional, regional ou local, pois vê esse contato com extrema importância, visto que conhecendo a história e a arte, é de se esperar que possamos reconhecer e entender a importância da nossa trajetória sociocultural, nosso consumo e seus porquês.

Além disso, a discente nos mostra como o ensino da disciplina é fundamental, não somente para conhecimento teórico, que se leva para a vida, mas também para estimular, ajudar e orientar quem deseja seguir profissionalmente no caminho das artes, visto que a entrevistada compreende as artes como uma área profissional.

Tais pensamentos nos mostram a importância de um contato constante com a arte-educação, pois vejo que as resposta de uma aluna recém saída do ensino fundamental II para o ensino médio, já compreende a importância das artes para a construção social e seu desenvolvimento pessoal, assim compreendo como o ensino nas escolas é fundamental para esse entendimento e valorização, visto que na última pergunta a mesma defende que uma das melhorias necessárias para a disciplina seria uma maior participação desta em projetos voltados para a exibição de produções artísticas no cenário escolar, possibilitando assim quem sabe um aumento no interesse dos alunos e alunas do Inácio, sendo possível até um melhor desempenho na disciplina escolar.

A teoria por si só não sustenta um aprendizado significativo, a parte prática se faz necessária para significar o aprendizado, contextualizá-lo no mundo e relacioná-lo com as pessoas (FREIRE, 2020), isto no contexto das Artes Visuais está intimamente ligado com a oportunidade de ver obras de forma presencial, ler imagens para além de suas representações gráficas, tornar as experiências visuais presentes no dia a dia e discuti-las no ambiente escolar, não somente para alcançar as notas bimestrais, mas sim visando uma transformação sócio cultural e histórica. Normalizar a presença das Artes Visuais em nossa vida, é treinar nosso olhar para que em dado momento possamos transcender a preocupação com a linha do tempo da arte e nos tornar sensíveis as poéticas imbuídas nos objetos, para além do que o artista quis dizer, mas sim preocupando-nos com o que determinada arte nos fala no presente (BARBOSA, 1991).

O Entrevistado 02, que contribuiu para esta pesquisa, tem outros pontos a apontar sobre as Artes Visuais. É um aluno do segundo ano do ensino médio, tem dezenove anos e carrega respostas bem contrárias e diferentes da que vimos até o momento, vejamos a seguir: As respostas para as perguntas, citadas mais acima, foram respectivamente:

> Não estudo coisa de besta, eu acho que deviam ensinar como não ser um fracassado, um ensino de pessoas que botão o melhor e não o pior. Deviam criar uma geração de campeões de verdade.
>
> Só vão ensinar a pintar, desenhar e farão eu ter uma visão distorcida do mundo, exemplo: um mundo cor de rosa.
>
> Sim, deviam ensinar a verdade, a verdade que com certeza mudaria a realidade do Brasil. (ENTREVISTADO 02, 2021)

Apresento uma observação para a entrevista deste aluno, pois na terceira pergunta objetiva, este sujeito não marcou nenhuma opção para responder "Qual área de arte lhe atrai mais?", e ainda respondeu na opção "Outro", a seguinte resposta: "*Nenhuma, e tudo coisa de besta.*"

Então, conseguimos perceber a nítida diferença de visão deste aluno para a aluna do primeiro ano. É oportuno notar o tom de "agressividade" e descontentamento com o sistema de educação que lhe é oferecido, pois o aluno insiste em afirmar que se deve ensinar "*a verdade e que o ensino deve formar verdadeiros campeõe*s". Que verdade este aluno sente falta? O que é realmente ser campeão?

Infelizmente, muitas vezes vivemos em meio sociais que nos induzem a acreditar que "*ser campeão*" é obter certas conquistas estabelecidas socialmente, que pode incluir determinadas profissões, quantias em dinheiro, e aquisição de objetos desmedidamente caros, sendo o sucesso materializado pelo financeiro e pelo status social, sendo que nesses dois requisitos as artes não estão incluídas, pois com a desvalorização da mesma no cenário brasileiro, quem acredita que é possível alcançar esses resultados através das artes estando localizado em um contexto periférico e descentralizado?

Tais respostas apresentaram para mim um tom de desprezo aos conhecimentos artísticos, uma menor importância do mesmo para a educação e sociedade em geral, e até mesmo para a nossa construção das subjetividades, sendo as Artes algo visto como inferior, citado como "*besta*", que não vai auxiliar na construção de "*verdadeiros campeões*", pois como pintar e desenhar pode me direcionar "*a verdade*" e a ser "*um exemplo de vitória*", de "*alcance de sucesso?"*

O aluno afirma que esse conhecimento e contato com o ensino/aprendizagem de artes fará com que ele tenha uma visão distorcida do mundo, na qual ele exemplifica como "*um mundo cor de rosa*", ou seja, que não será visto a verdadeira situação social do nosso país por meio de um conteúdo de artes. Talvez a dita verdade que ele busca e diz que mudaria a realidade do Brasil, se ensina, aprende e discute a partir das durezas e condições sociais encontradas e encaradas pela sociedade brasileira.

As falas desse aluno nos leva a pensar em como se deu o seu contato com a disciplina de artes ao longo do fundamental II, e no primeiro ano do ensino médio. Não sei a realidade escolar que ele tinha antes do segundo ano, porém vemos que sua compreensão acerca das possibilidades das artes como um todo é completamente limitada a chavões desassociados da realidade. Tal jovem está prestes a finalizar o ensino médio e não teve a possibilidade de compreender que as artes são uma fonte de conhecimento e debates sociais fundamentais no cenário escolar, seja por seus vários movimentos artísticos, conhecimento de artistas e suas produções de obras, carregam vários questionamentos, debates, conteúdos e realidades sociais. Temo inclusive que seu ensino de artes tenha sido apenas o fazer artístico infantilizado como ele imagina e afirma ser o conteúdo artístico. Irene Tourinho nos fala sobre a situação da arte-educação que pode nos levar a essas situações:

> Assistimos à despolitização deste ensino (implicações de questões como classe social, idade, gênero e etnia em relação os conteúdos e práticas escolares); à *descorporificação* do aluno (anulação do corpo como presença física e sensível na sala de aula); à *descontextualização* da atividade artística (adoção de certos cânones artísticos para o fazer e para o apreciar Arte) e à *desculturalização* da aprendizagem e do próprio ensino – ausência de conhecimento teórico e prático da educação e da Arte e de sua função pedagógica na escola. (TOURINHO, 2012, p. 34 e 35)

Isso nos mostra como se faz necessário, mais que urgente, uma valorização do ensino de artes no cenário escolar, para que assim o nosso alunado, principalmente os alunos da rede pública e descentralizada da capital, possam entender a seriedade e importância que a artes tem para qualquer sociedade. É através dela que conseguimos compreender a história, a cultura, a formação e questões sociais mais sérias de nosso país. Ler, fazer e contextualizar, pressupostos criados por Ana Mae Barbosa, nunca fizeram tanto sentido como em nosso atual contexto, sendo fundamental também o estímulo a criatividade e a sensibilidade, principalmente para quem deseja seguir em carreira artística, mas também para se fazer melhor o entendimento acerca das questões explicadas via conteúdos escolares.

Na cena contemporânea, repassar esses conhecimentos de forma acessível e mais próxima a realidade dos jovens que encontramos no ensino médio é fundamental, pois como este jovem da entrevista, existem vários outros e outras que seguem sem acesso a esses debates e conteúdo. Como o mesmo disse, a arte iria lhe enganar e lhe fazer ter uma visão cor de rosa do mundo, como se a cultura hip-hop não estivesse há décadas falando sobre questões políticas e sociais, como se Jean-Michel Basquiat, Di Cavalcanti, Rosana Paulino, Renata Felinto e tantos outros artistas negros que trouxeram e continuam trazendo demandas raciais na sua produção não estivessem participando ativamente a seus modos dos debates sociais voltados ao povo preto. Onde foram parar os diversos gêneros musicais brasileiros que falam e narram a nossa realidade? E a resistência e importância que as artes tiveram no período da Ditadura Militar?

Para a última série do ensino médio, convênio, trago as respostas do Entrevistado 03, um aluno de dezessete anos que acaba se completando com a resposta da Entrevistada 01, do primeiro ano, que são respectivamente:

> Sim, é importante porque nós convivemos com Artes durante o nosso cotidiano em todos os momentos.
>
> Espero aprender sobre todas as áreas, desde artes visuais até música e teatro, por exemplo.
>
> Sim, fazer com que Artes não seja ensinada somente com a teoria, mas com a prática, fazendo com que os alunos tenham uma experiência melhor com a disciplina. (ENTREVISTADO 03, 2021)

A resposta do aluno do convênio (Entrevistado 03) acaba se interligando com a da jovem do primeiro ano (Entrevistada 01), ao reforçar que a arte é importante por estar diretamente ligada ano nosso cotidiano, e que ele deseja aprender sobre diversas áreas da arte, de artes visuais, passando por música e teatro, nos mostrando como ele deseja um contato maior e melhor com a arte, e que acredita que através da prática a arte-educação será uma experiência melhor e mais proveitosa para os estudantes. A importância do respeito e discussão para com o arcabouço e realidade do alunado e relacionar esse ensino informal a grade curricular da escola, para um processo de ensino/aprendizagem melhor (FREIRE, 2020).

Vimos que a Entrevistada 01 e o Entrevistado 03 entendem como a Arte e Cultura são importantes dentro e fora do espaço escolar, para entendimento da nossa sociedade, cultura e a valorização desta última, e como esse ensino escolar deve melhorar para não somente compreendermos nossa história, mas para aqueles que almejam profissões nas áreas

artísticas, Ana Mae Barbosa nos fala sobre a importância de uma arte-educação mais aguçadoura e necessária para certos aspectos educacionais e sociais:

> Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer a sua Arte. A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. (BARBOSA, 2012, p. 18)

Com esta breve amostra de respostas conseguimos perceber como o alunado da escola Inácio é diverso, principalmente em suas faixas etárias e experiências de vida. Boa parte acredita que a educação em artes é importante e fundamental, tanto para a vida pessoal, como para as nossas questões cotidianas, vendo as artes inclusive como uma carreira profissional possível. Anseiam também por projetos artísticos e aulas de artes com metodologias voltadas para a prática, o que nos mostra a importância de haver projetos voltados para a arte no PPP da escola, já que a política é de uma educação voltada para os jovens, essa juventude escolar almeja um contato com projetos artísticos e amostras culturais.

2.3 – A crise educacional: os desafios do ensino/aprendizagem presencial

Minha pesquisa de campo iniciou no dia 06/10/2021, com o retorno das aulas presenciais - o ano letivo se encontrava no terceiro bimestre do calendário escolar, com Maria Eliana Soares no cargo de direção.

Um dos primeiros desafios que pude notar foi justamente esse retorno ao modo presencial de aulas, já que, devido a Pandemia da Covid-19, as escolas encontravam-se com ensino remoto desde o ano de 2020, e assim foram quase dois anos de aulas somente via *on-line*. Os funcionários do Inácio sabiam que encontrariam jovens bem diferentes, principalmente na questão de ensino-aprendizagem, então seria um momento de extrema importância e desafios para a gestão, funcionários e para o próprio corpo discente.

No primeiro dia de aula, a diretora decidiu, antes de iniciar o horário escolar, reunir os discentes na quadra esportiva da escola, para que assim pudesse fazer um discurso de boas-vindas, apresentar os funcionários, explicar onde cada turma iria ficar e as medidas de proteção e combate ao vírus da Covid-19, além de uma homenagem ao falecido diretor

Odimar de Matos Pantoja, que infelizmente veio a óbito decorrente de complicações da Covid e outras doenças.

Nesse momento, uma das professoras da disciplina de Português foi convidada para recitar a poesia “Recomeçar” do autor Paulo Roberto Gaefke, em homenagem ao diretor e a este retorno tão importante e histórico as aulas presenciais, e como seria um novo recomeço para a escola e para todos que habitam e utilizam esse espaço.

Devido ao contexto histórico e o momento, acho importante trazer uma parte do poema recitado e a força que ele teve para este retorno escolar. Segue abaixo o poema “Recomeçar” do autor Paulo Roberto Gaefke, produzido em 2002:

“Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível e
necessário “Recomeçar”

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e o mais importante...
acreditar em você de novo.
Sofreu muito nesse período?
foi aprendizado...
Chorou muito?
foi limpeza da alma...”

Após esse momento, as coordenadoras encaminharam as turmas às suas devidas salas e realizaram a entrega de um kit de proteção contra a Covid-19, no qual vinha máscara e álcool em gel. No entanto, desde o primeiro dia, notei como os jovens não seguiam as regras de segurança e infringiram sempre que possível, tornando essa uma das questões mais difíceis para o retorno das aulas: a preocupação com a saúde do corpo discente, docente e dos funcionários.

Nesse primeiro dia fui apresentada para as turmas que consegui entrar, para os funcionários e tive acesso ao calendário escolar e a grade de aulas de cada turma, e com isso consegui planejar com antecedência como se daria o meu processo de observação das turmas e sua relação com a disciplina de Artes.

Devemos lembrar que infelizmente o ensino de Artes no nível do Ensino Médio ocorre somente até o primeiro ano, sendo assim, recorri a disciplina intitulada de “Português II” que abrangia a parte de Redação, ou seja, escrita de diversos gêneros textuais, e a Literatura, que acabava sendo o único contato do segundo ano e terceiro com alguma forma de arte.

Isso já nos mostra como a disciplina de Artes é desvalorizada no contexto escolar e na própria grade curricular, pois como pode ser a única disciplina que perde a sua obrigatoriedade nos últimos dois anos do Ensino Médio? Como suprir o contato dos discentes com a diversidade artística e cultural em apenas um ano letivo? Essas são algumas questões que rondam os arte-educadores até os dias atuais.

Entretanto, acabei conseguindo acompanhar todas as turmas formadas na escola, sendo três turmas de primeiro ano, cinco turmas de segundo ano e quatro turmas de terceiro ano ou convênio, popularmente alcunhado. Eu frequentava as aulas de segunda à sexta, das 07:15 até 12:00, e no último horário de aula o corpo docente tinha que liberar as turmas aproximadamente quinze minutos antes devido ao horário do transporte escolar das agrovilas, ou seja, as aulas ocorriam até 11:45 pela parte da manhã.

Os conflitos encontrados no cenário da escola Inácio Koury Gabriel Neto, durante meu processo de pesquisa de campo, perpassam por questões geracionais, a marginalização de certas produções artísticas, e como o público discente se encontra nessa situação, reage e pensa, e como a escola se posiciona com relação a esses problemas e situações, principalmente por defender e enfatizar que a sua pedagogia (citada no próprio PPP) e voltada para o protagonismo juvenil, então como a arte entra nesse contexto? Já que sabemos que é uma das disciplinas mais desvalorizadas, mas também fundamental para a expressividade, história, cultura da nossa população, dentro e fora dos espaços educacionais.

Através da pesquisa realizada com os discentes, como dita e analisada mais acima, nos revelou que o alunado da escola acaba tendo uma idade considerada mais avançada do que geralmente se espera para o nível do ensino médio, tendo jovens na média de dezessete a dezoito anos, ou seja, os profissionais iriam encontrar nas classes de aula, jovens que estão saindo da adolescência para adentrar ao início da vida jovem/adulta, então nos deparamos com alunos e alunas com mais opiniões e posicionamentos pré-definidos.

Então, desde o primeiro ano do ensino médio, a escola acaba apresentando jovens nessa transformação devido a transição de fase, e isso vai acabar refletir no processo das aulas,

principalmente na questão cultural e artística, pois deve-se levar em consideração que eles chegam no ambiente escolar com seu arcabouço cultural construído através da informalidade, e que pode acabar entrando em discordância com o que o ambiente formal de ensino lhes oferta neste âmbito social.

Com isto, no processo de pesquisa de campo, acabo encontrando esse conflito geracional para com o docente da disciplina de Arte, pois esta é um segmento que vive em constante transformação, a produção da arte contemporânea não é a mesma que encontramos mais de meio século depois, então o que esses jovens consomem é trabalhado em sala de aula? O que a nossa geração, de professores e professoras, encara como cultura e arte colide com os desses jovens?

Para além disto, temos também a marginalização de certas formas de produção artística apresentada por um discente do convênio, que acaba pixando e grafitando a escola, que gera um debate sobre o que é arte ou não entre os funcionários da escola? E como lidar com esses acontecimentos no cenário escolar? Esses processos fomentados pela arte, finalizam em um projeto de mostra cultural no final do ano letivo, a qual será discutido e analisado no próximo capítulo desta pesquisa.

3. ARTE-EDUCAÇÃO, CONFLITOS, CULTURA

Após caminhar pelas demandas necessárias de atualização do PPP, os resultados da pesquisa realizada com as turmas e um breve registro e falas sobre minha rotina e processo de observação no período da pesquisa de campo, o próximo capítulo irá discutir os conflitos geracionais, as marginalizações artísticas, o protagonismo dessa juventude que anseia pelas artes, a ação da escola que visa trazer projetos para o seu cenário escolar, a importância que este último teve para um semestre difícil no Inácio Koury e a esperança que deixa para uma arte-educação e cultura castanhalense.

3.1 – A arte e as gerações

No interior paraense, Castanhal, os aparelhamentos não-formais de educação acabam não sendo presentes, deixando para a escola a responsabilidade de realizar projetos culturais que podem ser tornar uma saída para um contato mais completo, maduro e constante entre a arte e os jovens e até mesmo com a população de fora do cenário escolar. Tais projetos, que visam trazer o contexto prático da disciplina, como uma amostra cultural, na qual se discuta a arte e seus desdobramentos culturais, a riqueza e valorização da região e da própria cidade, pois artistas e uma vasta história e demanda cultural são presentes, mas seguem inviabilizada e muitas vezes esquecida, sofrendo como apagamento sistemático.

Em cenários como o de Castanhal, o contexto informal acaba apresentando um maior protagonismo, pois é através dele que os sujeitos têm seus primeiros contatos culturais. Para Brandão (2007), a educação informal é uma educação que se materializa pela “socialização com o meio”, sendo um desses meios a rua e as experiências proporcionadas de maneira individual ou coletiva, justamente o que acontece na cidade de Castanhal, visto que os eventos de bairro como as quadrilhas, as batalhas de rima e as festas de São João, são os eventos culturais que começam o despertar para as artes e a escola precisa entender e dialogar com esse arcabouço informal, pois não basta apresentar a história da arte como um cenário apartado das experiências vividas, um conteúdo que não dialoga com o que a criança e jovem consome no seu dia-a-dia, esquecendo que a cidade também é um espaço educacional que deve dialogar com a escola.

Essa conexão e fortalecimento se faz necessário, pois caso a escola se omita e dependendo do ambiente familiar e do cotidiano do alunado, acabamos esbarrando em uma minoria, como vimos no capítulo anterior, que além de contrariar a arte, a vê como algo inferior e desnecessário para a construção pessoal e profissional da população brasileira, nos

revelando como a falta de relação entre o ensino formal, não-formal e informal faz com que uma parcela da nossa sociedade não compreenda a importância que a arte tem para a nossa construção sociocultural.

Os dados, mais as respostas analisadas, da página 53 a 60, (no segundo capítulo desta pesquisa) nos mostra como temos um público que na sua maioria anseia por contato, conhecimento e profissionalização para com as artes, que sentem falta da parte prática e de visualizações de mostras culturais, mesmo que o cenário castanhalense tenha bastante potencial, ainda falta ações que valorizem a arte na cidade, que ainda hoje se encontra sem incentivos governamentais nesse setor. Este contexto de penúria e desarticulação no setor artístico da cidade acaba causando desinteresse e frustração, principalmente no público mais jovem, que por não se reconhecer e nem naturalizar a arte e cultura no seu dia a dia, não consegue meios para se relacionar com ela.

Como dito e explicado nos capítulos anteriores, infelizmente o ensino de artes no sistema público educacional brasileiro na fase do Ensino Médio acaba se limitando somente a primeira série, ou seja, os(as) arte-educadores(as) tem somente um ano para aprofundar o conteúdo de artes na fase da adolescência, limitando o processo de ensino-aprendizagem, principalmente para as classes mais baixas, a qual só tem acesso à educação em artes através do sistema público.

Nas entrevistas com os discentes, a quinta pergunta nos indica que os jovens estudantes da escola Inácio Koury Gabriel Neto desejavam ter o ensino até o terceiro ano do Ensino Médio, ou seja, temos um corpo estudantil com bastante interesse pelo conhecimento de arte, no entanto tivemos um empate na pergunta sobre a arte ser presente ou não na escola, então o que ocorre com a disciplina e o contato com a arte e cultura?

Primeiro devemos compreender que o alunado que encontramos no Inácio está geralmente numa faixa etária mais avançada que esperamos encontrar na fase do ensino médio, visto que a pesquisa realizada na escola nos revela que estamos, na sua maioria, lidando com jovens[7] na faixa entre os dezesseis e dezenove anos, ou seja, final da adolescência para o início da vida jovem/adulta, como revela a tabela abaixo.

7 De acordo com a Politica Nacional da Juventude, juventude “é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida ente os 15 e os 29 anos. Essa faixa etária é tida como um padrão internacional, utilizado no Brasil pela própria Politica Nacional da Juventude (2006). (SILVA, XIMENES, 2012).

Tabela 02 – Média de idades do alunado da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto para cada ano da etapa do Ensino Médio

Público		Média das idades			
		1º/1º	1º/2º	1º/3º	Geral
Masculino	41	16,38	16,25	16,38	16,34
Feminino	37	15,87	16,33	16,46	16,22

Público		Média das idades					
		2º/1º	2º/2º	2º/3º	2º4º	2º5º	Geral
Masculino	49	16,67	17,77	17,17	16,78	18	17,28
Feminino	53	16,5	17,62	16,93	17,33	16,67	17,01

Público		Média das idades			
		3º/1º	3º/2º	3º/3º	Geral
Masculino	37	17,47	18,14	17,69	17,77
Feminino	35	17,44	17,92	18,69	18,02

Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Por que trago essa informação? Ela é importante para se entender que esse alunado vai se mostrar muito mais indagador, questionador e se coloca em uma posição de protagonismo, fato que acaba por gerar conflitos com os docentes, coordenação e direção por não concordar com tudo que lhes é exposto. Suas insatisfações somadas ao fato da faixa etária fazem com que este alunado viva realidades que os fazem criar visões e sensos críticos de forma mais orgânica e muitas vezes dura perante suas realidades.

Mas, vale ressaltar que pesquisas realizadas pelo módulo Educação, da PNAD Contínua 2019, divulgado no ano de 2020 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), nos revela que até o ano de 2019 mais da metade da população brasileira da faixa etária dos 14 aos 25 anos de idade não concluíram o Ensino Médio, nos revelando a evasão escolar e/ou a finalização tardia da última etapa do ensino básico, sendo que de 11 a 14 anos são 12,5%, 28,6% para jovens de 15 a 17 anos e quase 75% para as idades de 18 a 24 anos, além de que da faixa etária dos 25 a 29 anos de idade passamos de 47,4% para 48,8% em 2019, o percentual de conclusão do Ensino Médio para a população brasileira,

Ou seja, isso nos revela que para além de lidarmos e lutarmos contra a evasão escolar no cenário escolar brasileiro, principalmente na passagem do Fundamental II para o Ensino Médio, a tendência é encontramos um alunado com faixa etária mais avançada na última etapa do ensino básico, na transição entre adolescência para a vida adulta, fazendo com que a

relação entre discente e docente seja ainda mais complexa, pois estaremos lidando com uma fase conturbado e um alunado com suas experiências e opiniões demarcadas, e que devemos ter muita sensibilidade para poder contornar tais situações e superar esses dados de evasão e conclusão tardia.

Então, desde as turmas do primeiro ano, temos estudantes com idades consideradas mais avançadas para se estar na série, então iremos encarar um protagonismo juvenil bastante contestador e que busca ter suas ideias ouvidas pelos funcionários da escola, e tais ações acabam por acarretar conflitos geracionais, pois são vivências e pensamentos diferentes que acabam se colidindo, pois é uma fase naturalmente “rebelde”.

Na disciplina de artes, temos um professor para atender as três turmas de primeiro ano, as aulas ocorriam na sexta-feira, sendo assim pude acompanhar de perto essa relação entre alunado, docente e a arte, sendo que já nos primeiros contatos, pude notar os conflitos geracionais e as imposições que os jovens clamam em sala de aula, pelos corredores e afins.

Com isso, parto para a pesquisa de campo, na qual desde a primeira aula, notei como os discentes dos três primeiros anos acabam entrando em conflito com o professor e a própria disciplina, devido às diferenças de visões, entendimentos de mundo, gostos artísticos e a necessidade de se afirmar como futuros adultos com opiniões e senso crítico, criando conflitos geracionais.

> As relações entre os adultos e as gerações mais novas são, historicamente, marcadas por conflitos, seja nos âmbitos familiares, educacionais ou na ocupação do espaço público. Se considerarmos que a modernidade consolidou o espaço da escola como local de formação de crianças e jovens pelos adultos, esse tem se configurado como uma arena de muitas disputas geracionais a respeito dos saberes, das práticas corporais, das linguagens e aprendizagens que ali se dão. (MATTOS, 2017, p. 544)

Nas primeiras semanas pude me apresentar nas turmas, explicar qual era a minha função e acompanhar o dia a dia das aulas, talvez por estar em uma faixa etária próxima dos alunos, era comum que muitos discentes, dos diferentes anos do ensino médico, viesse ao longo do processo de pesquisa de campo conversar, comentar e relatar que tinha vontade de ter tido mais aulas de artes, mas que não tinha gostado e se dado bem com o professor que ministrava a disciplina. Esses relatos me deixam reflexiva e atenta às questões relacionais dentro da sala de aula.

Quando começo a acompanhar as turmas de primeiro ano, percebo que são discentes no início da adolescência, na fase que a “rebeldia” e a opinião e o senso crítico estão por muita das vezes aflorando devido às transformações biológicas e hormônios, levando muitos

jovens sempre a estarem “à flor da pele”, com isso é oportuno que o professor ou professora deve buscar recursos pessoais e relacionais para construir uma relação respeitosa com os discentes. A adolescência é uma fase de grandes transformações como explica Cantone:

> A adolescência é uma fase evolutiva na vida do ser humano onde se busca uma nova forma de visão de si e do mundo; uma reedição de todo desenvolvimento infantil visando definir o caráter social, sexual, ideológico e vocacional. Esse processo evolutivo ocorre dentro de um tempo individual e de forma pessoal em que o adolescente se vê envolvido com as manifestações de seus impulsos intuitivos exteriorizados através de suas condutas nem sempre aceitas como normais pela sociedade. Podemos dizer que a adolescência é sinônimo de crise, pois o adolescente, em busca de identidade adulta, passa para o período “turbulento” (variável segundo o seu ecossistema sócio-familiar). (CANTONE, 2001, p. 45)

Caracterizado o alunado é oportuno também caracterizar o professor de Arte. Este é um sujeito com posicionamentos políticos e sociais bem definidos e buscava em suas aulas mostrar as inconsistências sociopolíticas geradas por um presidente que negligenciou a importância da pandemia, no entanto, o modo como o professor falou algumas frases com relação ao assunto, fez com que alguns jovens acabaram se revoltando com o professor.

Muitos até concordavam com o que o docente defende, mas sempre comentavam que o modo como ele falava e os tratava era por vezes agressivo e desrespeitoso e que por isso acabavam não gostando também da disciplina, reverberando assim, uma espécie de oposição ao professor que se materializa em não participação na disciplina e em alguns outros casos até a realização de brincadeiras e piadas sobre a situação política no país, declarando apoio ao presidente da época.

Essa situação nos revela como é complexa a relação estudante/professor(a) e que esta pode causar, infelizmente e felizmente, influências na relação com a disciplina ministrada pelos docentes, e isto acabou sendo evidente na relação com a arte no Inácio Koury Gabriel Neto, fatos que irão se desdobrar em outras situações de conflito que perduraram por todo o semestre letivo.

Presenciei momentos em que os estudantes relataram para a coordenação da escola, que o dito professor falou em tom debochado “*Quem vota no Bolsonaro é um idiota*”. A ideia está correta? Basicamente sim. Mas é essa a forma adequada para falarmos sobre um assunto tão delicado com jovens em formação? Será que nosso colega de profissão esqueceu que ao entrarmos em uma sala de aula estamos constantemente lidando com uma diversidade de opiniões, vivências e falas, que vão de encontro e desencontro ao que pensamos e que o embate esvaziado de ideias claramente não trará acréscimos positivos ao contexto geral.

A escola e a educação são fundamentais para a formação da nossa população, é o espaço que nos inicia no processo de socialização fora do contexto familiar, é onde damos os primeiros passos de maturidade, responsabilidade, direito e deveres, e nos professores e professoras estamos nesse espaço para ajudar eticamente nessa trajetória. Os ensinamentos das disciplinas, principalmente as artes não devem estar em "*tons de rosas*", esvaziados de debates sobre os conflitos socioculturais de nossa realidade, mas tão pouco devem ser tratados de maneira agressiva e desrespeitosa, visto que a construção de uma comunidade de aprendizado[8] aos moldes do que bell hooks (2017) idealizou deve ser um dos objetivos a serem alcançados dentro de uma sala de aula.

Lógico que ao longo desse processo vamos nos deparar com pensamentos e atitudes consideradas incorretas para os nossos parâmetros sociais, e que devemos intervir para que o jovem e/ou jovens repensem certas questões, mas são com frases, palavras que rebaixam nosso alunado que vamos conseguir? Provavelmente, não. Isto fará exatamente o oposto que desejamos, afastará os discentes e dará argumentos distorcidos para a disciplina que já sofre ataques desmedidos acerca de sua importância tanto teórica como social.

Então, o contexto das turmas de primeiro ano do Inácio Koury é de pouco agrado com o professor de Artes, sendo que alguns estudantes das outras séries (segundo e terceiro ano) chegaram a relatar que esse comportamento e posicionamento do professor era comum e tinha ocorrido com eles também, e que isto os afastou da disciplina e do interesse que tinham com o conteúdo, sendo que essas reclamações chegaram até as coordenadoras da escola, que vieram conversar comigo para entender as situações com os primeiros anos.

Quando entro em contato com as coordenadoras, descubro relatos de insatisfação com as atitudes do professor e seus posicionamentos desde a época anterior a pandemia, sendo que um dos relatos foi que um grupo de estudantes tinha solicitado a coordenação a caixa de som para ouvirem música na quadra de esportes no horário em que algum discente não iria ministrar aula, sendo que o pedido foi autorizado, e o professor ao passar pelo local desliga a caixa de som e começa a dizer que o tipo de música que estava tocando era inapropriada para a escola e que era de "*música de marginal*".

8 Leitora de Paulo Freire, bell hooks revisa a ideia de "aprendizado em comunhão" ao apresentar o conceito de "Comunidade de Aprendizado". A autora traz sua teoria baseando-se primeiramente em suas experiências educacionais vivenciadas na segregação racial norte americana e posteriormente desenvolvida ao longo de sua trajetória profissional. bell nos aponta sua constante busca por uma educação que ela denomina como transgressora, aquela interessada em ir além de algo já determinado, isso pelo viés do respeito e do reconhecimento das diferenças (hooks, 2017).

Essa fala e atitude gerou revolta nos estudantes que estavam com a caixa de som, pois mesmo cumprindo as regras e terem avisado e conseguido a autorização com a coordenação, tiveram novamente seu direito cerceado por uma ideia preconceituosa e desrespeitosa. Tal fato evoluiu tão desmedidamente que se tornou uma confusão, desdobrando-se em bate-boca entre o docente e os discentes que acabou fazendo com que a coordenação e direção da escola se vissem obrigadas a intervir para que não se chegasse a um ponto extremo de agressão física. Com mais este episódio, o professor da disciplina de artes acaba por colocar em si mesmo e na disciplina estigmas que em nada representam o que as artes desejam socialmente.

Para além dessas atitudes, outra questão que o corpo discente reclamava e que o professor acabava focando mais em questões políticas nas suas aulas (e nesse caso são discussões sobre políticos) invés de trazer um aprofundamento no conteúdo da disciplina, que sentiam falta da parte histórica, da parte técnica e afins, e que achavam interessantes os debates políticos e sociais, mas que também tinham outros interesses sobre artes e que achavam que não tinham aprendido nada ao longo do ano. Acho de extrema importância contextualizar que o ano de 2019 foi marcado por um extremo, e nocivo, processo de polarização política em nosso país, fato que entrou em nossa vida e em nossas salas de aula de maneira ainda não mensuráveis, mas que causou inúmeros casos de assédios a professores, seus conteúdos e suas metodologias, fatos que claramente remontam a cenários tenebrosos como o de 1964[9], e que talvez tenham tocado profundamente em questões mal absorvidas pelo professor de artes em questão.

Sobre o apontamento do não aprofundamento dos conteúdos da disciplina de artes, meu processo de observação acaba não trazendo muitas informações. Primeiro porque ele se inicia na metade do terceiro bimestre, ou seja, perdi todo o conteúdo trabalhado no online (os dois primeiros bimestres), então quando chego nas aulas de artes, o docente já está no processo da terceira avaliação, na qual inicia sobre a arte e sua importância para a nossa formação social, e logo em seguida traz uma aula voltada para a fotografia do artista Sebastião Salgado e a importância da preservação ambiental.

No entanto, acabei não tendo a oportunidade de observar de forma mais aprofundada acerca do trabalho do professor de Artes, pois ele acabou entrando com um atestado e pedido

9 O regime instaurado no Brasil em 01 de abril de 1964 com duração até 15 de março de 1985, foi o período em que era contrário aos pensamentos e projetos educacionais humanistas, na qual fazia represálias e perseguição aos educadores/pensadores que defendiam tais práticas e a inserção destas pedagogias no cenário escolar brasileiro, para que assim não ocorresse críticas e posicionamentos contrários ao regime militar.

de licença que teve duração de mais de um mês, devido a uma situação a qual me solidarizo bastante com o colega de profissão.

Infelizmente nos últimos anos a educação brasileira e os profissionais da educação, principalmente os professores e professoras sofrem com perseguições de uma parte da população que seguem certas ideologias políticas e sociais, que acreditam que o cenário escolar é de doutrinação, fatos que mexeram profundamente com o psicológico de muitos docentes e abalam severamente a confiança de boa parte da população na educação escolar brasileira. Então, como explica Amana Mattos, promover diálogos em espaços intergeracionais como as escolas, são fundamentais, ameniza os conflitos geracionais e o exercício do diálogo numa democracia ainda fragilizada.

> Os processos de subjetivização política, e as práticas de liberdade, precisam se dar em espaços em que os conflitos e os dissensos possam ser explicitados, compartilhados, debatidos. A imposição hierárquica e autoritária que produz limites e silenciamentos não estimula o exercício politico da democracia... Assim, mais do que nunca, o exercício do diálogo e da troca precisa ser estimulado e garantido nos espaços intergeracionais, como as escolas. Lutar por esse direito é uma tarefa que cabe às diferentes gerações nos conturbados tempos em que vivemos. (MATTOS, 2017, p. 550)

Toda esta situação acabou fazendo com que meu processo de observação com a disciplina de arte e com as turmas de primeiro ano ficassem bastante reduzidas, porque passei mais de um mês sem ter contato com a disciplina, porque não conseguia encaixar com os outros horários que já tinham sido organizados. Nesse período busquei conversar com os estudantes da série para tentar me aproximar e entender de onde vinham suas relações com a arte e a cultura.

No mês de novembro, o professor de artes retorna ao cenário escolar, e apesar das questões citadas mais acima, ele acaba tendo uma contribuição positiva com as turmas o que ameniza o distanciamento e a relação de agressividade entre ambos, pois o mesmo decide falar sobre o Mês da Consciência Negra e a importância da contribuição dos povos africanos para a construção da cultura e arte brasileira, citando a implementação da lei 10.639/2003 (No 2.1 fala-se da importância da mesma) permitindo minha participação e contribuição para a aula, fatos que conseguiram reestruturar a confiança dos estudantes e ter o seu interesse no conteúdo reestabelecido, tornando a aula neste dias extremamente produtiva.

Vale ressaltar que durante o mês de novembro, o professor de arte foi o único que se manifestou acerca da importância em trabalhar a lei 10.639/2003 nas suas aulas, sendo também o único que demonstrou alguma ação voltada para a implementação desta, pelo

menos nas suas aulas, sendo que nas demais disciplinas não se ouviu e nem viu nenhum trabalho/conteúdo relacionado a temática. O que não é muito surpreendente já que vimos no capítulo anterior a lei é ignorada no PPP da escola e nas ideias de projetos para o ano letivo.

3.2 – Grafitte e Pixo: a marginalização nas Artes Visuais

Na segunda parte deste capítulo, será discutido a marginalização da arte urbana, o grafitte e o pixo, e como a arte acaba fazendo seu papel de gerar discussões, e para além dessas questões, como o cenário escolar do Inácio irá lidar com um jovem grafiteiro e pixador do convênio, sua arte e os anseios do seu alunado.

Na história da Arte se registra e nota situações de marginalização de estilos e movimentos artísticos, principalmente dos que advém fora dos padrões clássicos das artes. O estilo greco-romano, são vistos por muitos como superiores e eruditos perante as artes advinda de fora da Europa e dos Estados Unidos, ou seja, a arte das periferias do mundo, das minorias sociais. Um exemplo dessa exclusão, são as artes do Grafitte e Pixo, ambas urbanas e provenientes das periferias de São Paulo, aqui no Brasil, que acaba tendo em sua maioria populacional pessoas negras e de baixa renda.

> A história sempre foi marcada por olhares imperialistas do estrangeiro que buscava implantar o eurocentrismo. Com marcas elitistas, o conceito de Nação brasileira foi construído no campo limitado de uma academia de letrados trazendo uma forte marca excludente, a qual a imagem do povo brasileiro foi constituída a partir de um olhar distanciado da cultura oficial dominante. Assim, parte-se da necessidade de buscar entender a narrativa e a construção dessa retórica de alteridade e essas figuras de fabricação do outro – uma História das massas – com suas marcas dos discursos e suas influências no espaço sociopolítico atual. (FONSECA, REINATO, 2020, p. 324)

Com o processo de colonização nossa cultura e arte acaba priorizando e valorizando a produção com viés e referências da arte exportada da Europa e Estados Unidos, mas como explica Fonseca e Reinato é importante partir de um outro olhar, uma história popular, para se discutir as marcas e influências que essa população tem na sociedade brasileira, através das suas linguagens artísticas populares e periféricas.

Sendo que o Grafitte surge com a cultura do Hip-Hop, na qual além do mesmo, temos o Rap (música) e o Break (dança), na qual a trindade vem como uma forma de mostrar a realidade da população negra e denunciar o racismo e outras situações. No caso do Grafitte para além dessas questões, o movimento artístico vem também com o intuito de denunciar a hegemonia e elitismo dos aparelhamentos de distribuições de artes, como museus, galerias,

espaços culturais e afins, pois quem tem acesso, conhecimento e interesse por esses espaços? E que produções artísticas chegam nesses ambientes?

Com o surgimento da cultura do Hip-Hop, e nela o Grafitte, temos logo em seguida uma vertente da arte urbana, denominada Pixo, esta vem para criticar, mas não somente, as questões dos espaços que distribuem arte, mas também como um movimento artístico anarquista, que visa demarcar territórios para mostrar que as pessoas consideradas "invisíveis" socialmente e esquecidas pelo Estado e a Burguesia, mostrar que também existem e que ocupam a nossa sociedade (PINHEIRO, 2007).

Explico essas questões porque, infelizmente, ainda é muito presente nos dias atuais, a marginalização dessas manifestações artísticas na sociedade, fato que se desdobra nas escolas, como foi o cenário do Inácio Koury Gabriel Neto, na qual em resumo o Grafitte e Pixo foram vistos como algo ruim, depredatório e marginal, que gerou um amplo debate no contexto escolar.

Como já notado, a classe de discente na escola demonstrou bastante interesse pelas artes, seja para estudar e/ou produzir, tendo vários alunos e alunas que acabavam produzindo e desejando estudar para além dos territórios do ensino formal. Com isto, temos um estudante do terceiro ano, que tinha alguns anos como grafitteiro e pixador no cenário de Castanhal, com trabalhos inclusive realizados fora da cidade, o qual acabou movimentando as questões dentro da arte-educação do Inácio.

Este aluno, ao retornar ao presencial, pixou umas frases e *tag's*[10] pela escola inteira, frases com nenhum sentido ofensivo, que na verdade traziam reflexões críticas sobre algumas questões sociais no Brasil. Abaixo seguem fotografias que demonstram essas tag's espalhadas pelo cenário escolar.

10 *tag's* é basicamente a assinatura do grafitteiro e/ou pixador, sua marca artística, que carrega bastante visualidade urbana.

Figura 16 – Tag”s do aluno/artista Naon na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Como vimos nas imagens acima e abaixo, as *tag’s* do artista “Naon” seguem espalhada por vários locais da escola, carregando a visualidade urbana da cultura hip-hop, de um jovem negro da periferia de Castanhal. Não sei se é uma referência ou não, mas acaba trazendo nessas *tag’s* uma coroa acima das letras estilizadas, um símbolo visual que no Grafitte e Pixo geralmente são associados ao artista estadunidense Jean-Michel Basquiat, um dos maiores artistas plásticos de sua geração, que traziam em sua produção o grafitte para relatar sobre as questões raciais e sua vivência de um homem negro em um país majoritariamente branco como os EUA.

Figura 17 – Tag”s do aluno/artista Naon na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em: jun/2023

O jovem Naon irá acabar causando um enorme reboliço e divisão de opiniões entre os funcionários da escola, reafirmando, em meu ponto de vista, o exato proposito da arte que acaba fazendo seu papel de propor e fomentar debates, reflexões e transformações, como veremos na última parte deste capítulo.

Ao decorrer do semestre, muitos professores e professoras acabaram percebendo as *tag’s* e frases pixadas pelo jovem estudante do terceiro ano, sendo que basicamente todo mundo na escola sabia que ele produzia arte e no estilo grafitte, e com os encontros na sala dos professores e reuniões, começaram a chegar as queixas dessas representação artística para a direção da escola, com o discurso de que além de não ser arte na visão daquelas pessoas, ainda defendem que o ato era depredação de patrimônio público e que se a escola não tomasse uma atitude com relação a isto, outros estudantes poderiam seguir o exemplo de Naon e acabar pixando ainda mais a escola.

Com isso, a então diretora da escola se viu em uma situação complexa, pois ela apoiava e apreciava os jovens estudantes a produzirem arte, mas também acabava entendendo e compartilhando alguns ideais dos professores e professoras que defendiam uma represália ao estudante. Como a diretora iria contornar esta situação?

A maioria dos funcionários acabavam sendo contrários a manifestação artística do aluno, por acreditar não somente na ideia da depredação de patrimônio público, que poderia ganhar uma dimensão de seguidores na escola, mas também por acreditarem fielmente que o que o jovem produzia não se encaixa como arte, que não passava de pixos feios e sem sentidos, que o mesmo tinha potencial para coisas maiores e melhores.

Esse discurso nos leva a pensar sobre como a população brasileira se relaciona com as artes de modo geral, com o mantimento de certas visões limitantes que acabam diminuindo e excluindo certas estéticas e movimentos artísticos, que normalmente é o arcabouço cultural da maioria dos jovens de periferia do nosso país, estado e a própria cidade de Castanhal.

Sabemos que na História da Arte, por frequentemente escrita pelos opressores/colonizadores, criou uma tendência de valorização da produção artística e cultural do continente Europeu e dos Estados Unidos, uma arte que por muito tempo acabou se moldando em referência ao que chamamos de arte-clássica ou belas artes, que advém da arte greco-romana. Uma arte que visa a perfeição, a técnica, a razão e a ciência, tendo o alcance do belo como meta a ser atingida ao se produzir uma obra.

Esta visão e conceito das artes clássicas encontra-se erradas? Não. Como dito acima, os ideais e conceitos mudam ao longo dos anos, além de que a arte e cultura está intimamente ligada ao seu contexto histórico, social, político e geográfico. Para além dessa arte clássica da Europa, temos a diversidade de produções de outros continentes, como a Ásia, África e as Américas, que acabam tendo outras visões sobre o mundo. No entanto, com o processo de colonização sofrido nas Américas e em África, a Europa acaba impondo seu modo de vida e sua própria arte, e acaba se localizando como o centro do mapa mundial, sendo por muito tempo Itália e França considerados o berço da arte erudita.

Mas, na virada do século XIX para o século XX, temos uma reviravolta na história da arte europeia. O surgimento do Movimento Modernista, que concebe as Vanguardas Europeias, e busca justamente ir de contra às ideias já estabelecidas naquele momento histórico. Desconstruir a arte, seu sistema e relativizar seu valor, foram algumas das questões pensadas nesse momento, contexto propício para o nascimento também da arte abstrata, dos objetos do cotidiano (ready-made) e arte conceitual, para justamente prezar a liberdade artística.

> Por volta de 1910, quando ao entusiasmo pelo progresso industrial sucede-se a consciência da transformação em curso nas próprias estruturas da vida e da atividade social, formar-se-ão no interior do *Modernismo* as *Vanguardas* artísticas

> preocupadas não apenas em modernizar ou atualizar, e sim em revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades da arte. (ARGAN, 1992, p. 185)

Aqui no Brasil, o modernismo chega na década de 1920, com a Semana de Arte Moderna, na qual se tem inspiração na Europa, mas busca valorizar a cultura e a realidade brasileira. A questão é: Como depois de cem anos de uma grande virada na história da arte, a marginalização e hierarquização das obras de arte ainda se encontra comum e constante atualmente?

No contexto brasileiro, um fator bastante fundamental para essa questão se dá pelos vintes anos de Ditadura Militar (1964 – 1985), o qual foi um período longo de repressão e censura, na qual as artes eram vistas como algo perigoso para o governo, ainda mais as que saiam do padrão clássico. Esse pensamento limitado embalado pelo enquadramento das ideias acaba alcançando o ensino básico brasileiro, visando a manutenção daquele modelo político segregador e meritocrático.

> A ditadura de 1964 perseguiu professores e escolas experimentais foram aos poucos desmontadas sem muito esforço. Era só normatizar e estereotipar seus currículos tornando-as iguais as outras do sistema escolar. Até escolas de educação infantil foram fechadas. A partir daí, a prática de arte nas escolas públicas primárias foi dominada, em geral, pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas. (BARBOSA, COUTINHO, 2011, p. 26)

Para além dessa situação crítica da ditadura, devemos entender que somente por volta de 1971 a 1973 ocorre a criação da Lei de Diretrizes e Bases Nacional, que vai sofrendo mudanças e atualizações, sendo que somente no ano de 1996, na página dezesseis, se decorre sobre tornar obrigatório o ensino de arte em todo o componente curricular do ensino básico brasileiro, ou seja, somente quase na virada para o século XXI, que a arte-educação acaba realmente conquistando seu espaço por direito no ensino brasileiro.

Ou seja, infelizmente, é muito recente que o ensino de arte é visto com mais seriedade e importância, mesmo ainda tendo muito a conquistar, como vimos nos capítulos anteriores. Então, como exigir uma população com consciência artística, se o próprio ensino formal demorou anos para tratar a arte-educação como algo importante e fundamental para a educação? Sendo assim, tivemos gerações negligenciadas, que acabam carregando seus pré-conceitos quase sempre estimulados por “mídias” e espaços que visam somente a valorização de determinadas produções artísticas.

Deve-se acrescentar a esse contexto todo o racismo estrutural vigente na sociedade brasileira devido ao período do sistema escravocrata que sofremos, fato que acaba deixando no imaginário popular brasileiro, até os dias atuais, estereótipos racistas, atitudes, falas e afins, toda gama de mazelas que promovem o silenciamento e o apagamento da contribuição da população negra para o nosso país.

Isto nos leva ao processo de marginalização que a população negra brasileira sofre, isto desdobra-se também em tudo aquilo que produzem, principalmente sua arte e cultura, como no caso do grafitte e do pixo. Estes são estilos artísticos nascidos na periferia e criado pela população negra, assim acabam por sofrer com esse processo de marginalização, sendo visto como algo grosseiro e não-arte, constantemente sendo taxada como criminoso, coisa de bandido, de marginal, esquecendo toda a importância desses movimentos para a população negra e sua juventude. E se o abstracionismo europeu é visto por sistematicamente como arte de forma mais natural, por que o pixo e suas *tag*'s não?

> A representação de cultura de um povo baseia-se na representação que um povo tem de si mesmo no interior de uma sociedade. Sendo assim, a arte é uma porta para a realização de uma democracia significativa. A contracultura e os elementos que, ainda, restaram em nosso cotidiano, como forma de resistência, são formas pelas quais há ruptura com a cultura hegemônica. (FONSECA, REINATO, 2020, p. 330)

Então, tivemos um silenciamento da livre expressão de arte de um jovem artista da periferia castanhalense, que acabou sendo chamado na direção para que se tentasse chegar em um acordo viável para ambas as partes, para que não ocorresse mais discussões com os discentes da escola. Primeiro, a direção busca sugerir que o artista do convênio apague os pixos que realizou pela escola, no entanto acabam notando como o mesmo tem a admiração dos demais estudantes, além do impacto da minha pesquisa de campo, e com isto percebem que a solução é ir por outro caminho, mas ainda assim o Naon não poderia mais realizar pixos no âmbito escolar, ou caso contrário, sofreria punições.

Apesar da maioria ter ido pelo caminho da represália, uma professora de inglês da escola, decidiu que ao invés de criticar o grafitte, poderiam aproveitar o talento do jovem Naon para inspirar os demais estudantes, e decidiu passar trabalho de grafitte para conscientização de questões ambientais dentro do cenário escolar.

A primeira parte desse projeto da professora de inglês, se deu com a criação de placas com frases em inglês sobre questões ambientais para conscientizar os estudantes, desde não pisar na grama, até não deixar água parada nos pneus etc., aproveitando o espaço da escola que permitia o contato com um ambiente arborizado.

Figura 18 – Placas grafitadas do projeto voltado para a disciplina de Inglês



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Já a segunda parte do projeto foi o grafitte em uma parte do muro da escola, tanto da parte externa como na parte interna, justamente para que o ambiente escolar ganhasse mais possibilidades de propostas artísticas e se aproximasse ao que os discentes gostavam, discurso defendido pela professora de inglês. Abaixo, as Figura 19 e 20 nos mostra o resultado do projeto final de inglês:

Figura 19 – Grafitte no muro da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, projeto voltado para a disciplina de Inglês



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Pude acompanhar a execução desse projeto de perto, e era notório a alegria do jovem Naon em poder produzir sua arte dentro da escola com apoio e incentivo de uma professora, que por sinal comprou todo o material para a produção. Naon teve a oportunidade de ensinar e compartilhar seu conhecimento, estudo e pesquisa para produzir arte com os colegas de turma, que além de gostar do assunto, tiveram a possibilidade de testar e aprender técnicas artísticas com Naon, criando assim um senso de admiração para com a arte de Naon e dando o reconhecimento que o mesmo e o movimento artístico merecem.

Figura 20 – Grafitte no muro da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, projeto voltado para a disciplina de Inglês



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Um ponto interessante para se analisar com este projeto, é como o grafitte foi muito bem acolhido pela direção e docentes da escola, pois em momento nenhum ocorreu discussão ou represálias ao projeto elaborado pela professora de Inglês, sendo assim a maior parte da problemática era a realização das *tag's*, ou seja, a produção de pixo no cenário escolar, vista com muito mais preconceito que a estética trazida pelo grafitte. Isso nos é explicado pela Fonseca e Reinato:

> O grafite e a pichação ou pichação diferem-se na forma em que são produzidos e como são vistos pela sociedade. Enquanto o grafite é uma expressão artística mesmo que ainda marginalizada, o picho é considerado crime ambiental e poluição visual praticada por vândalos. (FONSECA, REINATO, 2020, p. 328)

Infelizmente é oportuno apontar que neste contexto, não houve participação do professor de arte por conta de seu afastamento para cuidados médicos, assim a direção da escola acabou vindo conversar comigo para se informar acerca do alunado, seus pensamentos, vontades e como a arte encarava tal situação. Tal contato e a existência da pesquisa em andamento foi importante para a saída encontrada pela direção da escola.

Estes conflitos gerados por questões geracionais e divergências em entendimento dos conceitos sobre cultura e artes, nos mostram como a arte acaba tendo um papel fundamental

nesse cenário, pois a mesma acaba justamente exercendo a sua função, a de gerar discussões, pensamentos e sensos críticos através das suas produções, histórias e diferenças, e esta situação, principalmente do grafitte e pixo, nos leva a uma saída e solução interessante e proveitosa para a escola e os discentes: um evento cultural voltado para a exposição das obras dos alunos e alunas, que mostram a potência da cultura, educação e arte.

3.3 – Projeto “Arte e Criatividade: saberes e sabores que se manifestam no dia a dia da escola”

Com os conflitos citados e analisados acima, somados a presença dessa pesquisa, e após conversas e diálogos entre o corpo docente, a direção da escola decide organizar junto a minha pessoa um evento cultural na escola, com o intuito dos discentes poderem expressar e exibir suas produções artísticas, tal evento materializou-se em uma manhã cultural, na sexta-feira, após o término do ano letivo e os resultados finais.

Com as situações anteriores, e com a minha pesquisa de campo de duração de seis meses, a escola Inácio nota como seu alunado vê nas artes uma forma de expressar suas demandas, personalidades, opiniões e afins. Isto que muitas vezes é esquecido na nossa sociedade, acaba sendo algo fundamental na vida desses jovens, que várias vezes encontram refúgio nas artes para abstrair os problemas que estão chegando com o término da adolescência e o início da vida jovem/adulta.

Desde o meu primeiro encontro com a direção e professores do Inácio, minha pessoa e pesquisa foram bem recebidos e vistos nesse ambiente, e nas reuniões nas salas de professores, sempre conversávamos sobre como era nítido que o alunado do Inácio apreciava bastante as artes, e que a minha pesquisa seria fundamental e importante para a escola, principalmente para os alunos e alunas.

Com a situação de conflitos acerca das gerações (professor e aluno), e a questão da marginalização do grafitte e pixo, a direção da escola me solicita para uma conversa, e explica que deseja organizar um evento cultural para que os estudantes possam expor suas produções artísticas, e que os demais estudantes apreciasse e dessem apoio para os que decidiram participar, e que se eu gostaria de participar e ajudar. No mesmo instante digo que sim, e iniciamos as etapas do projeto.

Intitulado “Arte e criatividade: saberes e sabores que se manifestam no dia-a-dia da escola”, o projeto é proposto pela diretora Maria Eliana Soares, com a equipe diretiva:

Mylena Monteiro Setúbal, e a coordenação da escola Inácio Koury Gabriel Neto, sendo que o projeto tem como objetivo valorizar as diversas expressividades artísticas, culturais e/ou científicas dos estudantes no contexto escolar.

Com isto, o projeto acaba se dividindo em etapas para a sua execução, sendo que no primeiro momento, realizamos o levantamento das possíveis habilidades artísticas, culturais e/ou científicas que os estudantes podem manifestar na escola, para que assim pudéssemos organizar o espaço para cada um e os materiais necessários para tais execuções, frisando que esses equipamentos foram disponibilizados pela escola, e alguns adquiridos com a verba dos professores/professoras e da própria direção.

Após esse levantamento, selecionamos a data de culminância do evento, sendo que a mesma ocorre na sexta posterior a liberação do resultado final do ano letivo, para que seja também um momento de lazer e confraternização entre os estudantes, já que foi um retorno presencial difícil para os estudantes e funcionários da escola.

Então, no dia 04 de fevereiro de 2022, temos a data de culminância do levantamento de informações e organizações de materiais e espaços, tivemos a manhã voltada para que os estudantes possam exibir suas produções artísticas, sendo que as propostas para a exposição passam por: Grafitte, exposição musical, apresentação de canto, de poesias, danças coreográficas, desenhos e pinturas pela escola. A Figura 21, mostra a abertura do evento, com a fala e agradecimentos da diretora da escola:

Figura 21 – Direção da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, apresentando o projeto cultural



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Como o evento era numa manhã de sexta-feira após o fim do ano letivo, tanto a direção da escola, quanto eu, não esperávamos que a comunidade escolar comparecesse ao evento, mas tivemos uma excelente surpresa, pois além dos funcionários, a classe de discentes compareceu em peso para prestigiar os colegas que decidiram expor suas produções artísticas, mostrando a parceria entre a comunidade escolar e interesse em relação às artes.

Uma das atrações do evento, é justamente a participação do estudante Naon com uma criação artística no estilo grafitte em um muro da escola, com o material ofertado pelos funcionários (direção) da escola, sendo que a produção desta obra seria ao vivo, no decorrer do acontecimento do evento, para que os alunos e alunas pudessem apreciar e se quisessem participar e aprender, o Naon iria ensinar.

O estudante teve liberdade para pensar e produzir a imagem do grafitte da maneira que desejasse, ele optou em trazer algo bem colorido, chamativo e no estilo retrato representado no mural, o artista buscou referências na população negra e suas origens, sendo que a produção ocorreu com a minha participação e a de outra aluna do Inácio. Abaixo, a Figura 22 mostra o processo do grafitte:

Figura 22 – Realização do grafitte para o projeto cultural na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Na Figura 22, vemos o processo do grafitte, que segue até hoje no muro da escola, nos mostra mais uma vez como a estética do Grafitte foi bem aceita pela escola, após um processo de sistematização e organização da direção para com os discentes, ou seja, a questão era a produção de Pixo e a total liberdade que esse alunado poderia sentir perante o patrimônio e espaço escolar, pois a produção artística e bem-vinda, no entanto de forma organizada e exposta pela escola, para que assim não ocorra uma “rebelião” dessa juventude. Paulo Freire fala sobre essa questão da liberdade.

> Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 2020, p.61)

Trago esta situação não por ser contrária a sistematização da produção artística do alunado, mas que acabou se perdendo uma oportunidade interessante de diálogo com os discentes, entender os motivos para tais produções artísticas, conversas sobre patrimônio, políticas públicas, culturas diversas, e compreender que a vivência desse corpo discente atravessa o muro da escola e reverbera na mesma, e não é a imposição de certas estéticas e

sistematização que vai fazer o cenário escolar dialogar com a realidade de jovens da periferia e suas vivências, ou seja, foi um ponta pé inicial é válido para a melhoria do diálogo entre docentes e discentes.

Figura 23 – Grafitte finalizado para o projeto cultural na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Como vimos na Figura 23, na finalização do grafitte, o jovem Naon escreve a seguinte frase *"Colorir um mundo preto e branco"*, nos mostrando toda a importância que o fazer artístico tem para o jovem artista, que ao longo da minha pesquisa sempre comentou como a arte o salvou e segue salvando. Sua vontade de se profissionalizar com cursos técnicos e/ou superior para um maior conhecimento e amadurecimento da sua produção, mesmo que ao andar pelas ruas da cidade de Castanhal, nós já esbarramos com suas produções artísticas. Isso mostra a importância de trabalhos e ênfase no protagonismo juvenil e suas demandas, principalmente ligada às Artes, como explica Silva e Ximenes:

> Pode-se dizer que essas manifestações artísticos-culturais são maneiras de o jovem exercitar processualmente seu protagonismo, desde que não se trate da arte pela arte, mas da arte como expressão profunda do ser humano em sua manifestação pessoal e social, e como uma proposta de recriação e fortalecimento da identidade pessoal e social em que está perpassado o fazer político. (SILVA; XIMENES, 2019, p. 11 e 12)

A produção do grafitte durou a realização do evento inteiro, tendo os alunos e alunas curiosos e parando para assistir, perguntando como se fazia, fazendo pequenas participações, houve também comentários muito positivos dos funcionários, dos professores/professoras

para a produção do grafitte, como para as outras obras expostas e as apresentações que ainda iriam ocorrer, sendo que nas pausas entre uma exibição e outra, a escola forneceu a caixa de som para que os estudantes pudessem colocar as músicas que desejavam e gostavam.

Quem vinha para ao evento, ao adentrar no ambiente escolar do Inácio Koury Gabriel Neto, passava pelos corredores e já encontrava as produções de desenhos de diversos alunos e alunas de diferentes séries para que o público pudesse conhecer os talentos dos jovens da escola, que carregam seus gostos e personalidade, tendo bastante influência do estilo *mangá*, que é um gênero de produção da cultura japonesa e que acabou bastante popularizado no Brasil através da exibição de animes na TV aberta. As Figuras abaixo nos mostram as obras dos estudantes:

Figura 24 – Exposição dos desenhos dos discentes da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto na mostra cultural

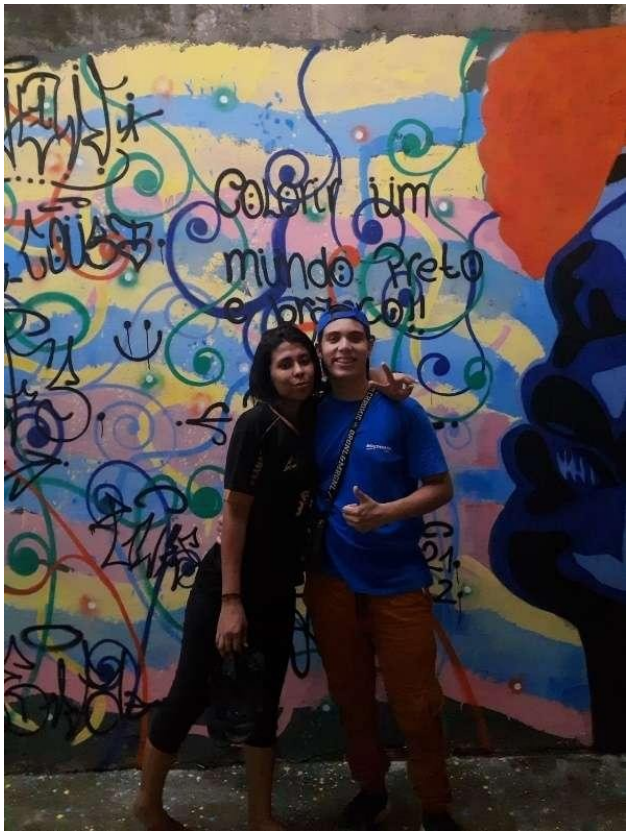


Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Para além das produções em artes visuais, tivemos a apresentação de poesia com um estudante do segundo ano, que buscava através das rimas narrar sua trajetória, vivências e pensamentos com relação ao que o mesmo percebia, analisava e pensava nas suas linhas escritas. Seu gosto pela escrita é tão grande, que ele participava de eventos do movimento hip-hop, como as batalhas de rimas e apresentações para que suas poesias alcançassem outras

pessoas. Seu gosto e escrita eram incentivados por diversos professores e professoras que viam seu potencial. Abaixo, a Figura 25, mostra o jovem estudante comigo posando em frente ao mural do grafitte:

Figura 25 – Estudante poeta da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, após a sua apresentação na mostra cultural



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Além das poesias do jovem estudante do segundo ano, tivemos duas apresentações voltadas para a área da música, com uma jovem que canta e outro estudante que toca teclado, na qual os demais discentes ovacionaram os colegas da escola pela bela apresentação que fizeram, infelizmente não consegui registros do momento musical, por estar no processo de produção do grafitte, e posteriormente ao solicitar para a escola, porém a também não tinha os registros.

Quase no final do evento cultural, tivemos uma apresentação de dança de um aluno e duas alunas que elaboraram a própria coreografia, as escolhas da música e puderam utilizar o espaço da escola para os ensaios diários, sendo que nesta apresentação a equipe buscou trazer suas referências pessoais e a cultura que os rodeiam, sendo uma apresentação com música e dança do estilo funk dos anos 2000. A Figura 26, mostram o momento da apresentação e a equipe pousando em outros espaços da escola:

Figura 26 – Apresentação da equipe de dança para a mostra cultural da E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Nas fotos da apresentação, vemos ao fundo os docentes da escola presenciando e prestigiando a produção artística dos jovens estudantes da escola, e uma pequena parcela dos outros estudantes assistindo a apresentação de dança, que por sinal foi bastante prestigiado e aclamada por todos, pela criatividade da coreografia elaborada e da excelente execução e domínio que os três tinham. Após essa apresentação, que foi a última, os jovens da escola puderam utilizar o som da escola para abrir batalha de rimas, aberta para qualquer pessoa, tendo a participação de vários discentes e a apreciação dos demais.

Apesar do não acesso a aparelhos formais e não-formais de educação, vimos que o alunado do Inácio ainda sim demonstrou interesse e produção artísticas em diversas áreas de linguagens artísticas, mostrando como o acesso a outras formas de mídias podem nos levar ao interesse artístico, ou seja, a arte institucionalizada e seus métodos é perceptível no nosso espaço social, inseridos no cotidiano, para reflexão crítica, mas que também estamos expostos a produções artísticas que não figuram valor dentro dos espaços artísticos (FOSENCA; REINATO, 2020), e influenciar toda uma juventude.

Os funcionários incentivando o evento e a participação dos estudantes, ao longo da organização noto como vários pensaram em participar, mas que por motivos pessoais de timidez optaram em ajudar a organizar e prestigiar os demais colegas, para além dos discentes

que tiveram coragem em expor seu trabalho artístico, que não é nenhuma tarefa fácil, ainda mais na fase da adolescência, que as inseguranças são maiores.

O evento da escola Inácio Koury Gabriel Neto nos mostra o ensino formal encarando suas adversidades de frente, as dificuldades que o cenário escolar enfrenta com relação a arte-educação, e sua relação com o aprendizado informal. Seus jovens carregam anseios em ser compreendidos e aceitos dentro do ensino formal, e é papel da escola não reprimir a arte e cultura dos jovens, mas sim incentivar e demonstrar apoio aos discentes, mostrando que uma educação que visa priorizar o protagonismo juvenil e a sua arte e cultura, é uma educação verdadeiramente libertária e transgressora.

Uma educação que busca se renovar ao longo dos anos, que reconhece suas próprias falhas, seus conflitos de gerações, sua defasagem na documentação, suas divergências culturais e artísticas fundamentais para a arte fazer o seu papel na sociedade escolar, o de gerar discussões e conflitos significativos e éticos entre os sujeitos, dando origem a um evento cultural abraçado por toda a comunidade escolar do Inácio Koury Gabriel Neto, desde direção, coordenação, funcionários e estudantes.

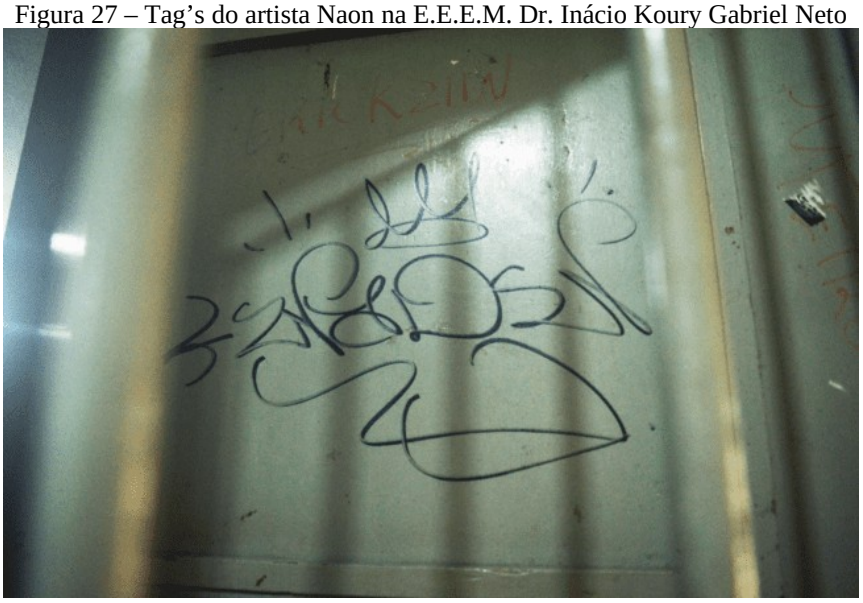
Ver a execução de um projeto que nasce através dos conflitos que rondam a escola, me fez ver como a minha pesquisa agregou ferramentas para que a escola seguisse buscando fazer a diferença na educação castanhalense e na valorização da nossa cultura e de nossa arte, para além disso, ver a alegria desses jovens em expor suas obras artísticas e ter o apoio do público da sua própria escola pode ser um incentivo fundamental para que outros adolescentes sigam sempre na estrada das artes, seja como um consumidor consciente e/ou um produtor de arte.

Deixo aqui, nesse final de capítulo, a minha emoção em ver que apesar de todas as adversidades encaradas pela E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto ao retorno do ensino presencial, todo o carinho que a minha pessoa e pesquisa foram recebidas, em perceber toda a dedicação que os profissionais têm com relação a esses estudantes, não somente para criar jovens com capacidades de passar em um vestibular e/ou seguir em outros caminhos, mas também para serem cidadãos que compreendem a complexidade da existência numa sociedade cheia de adversidades, e que o senso crítico é fundamental, e que nesse caminho árduo as artes podem ser muito mais que um entretenimento, mas uma arma fundamental para mudanças e compreensão da nossa própria existência. Saio do Inácio com a esperança de que

os laços entre o ensino formal e informal de forma fortificada sejam uma saída para as cidades interioranas do Pará.

Para finalizar esse trabalho ao longo dessa caminhada através dos três capítulos, vimos as adversidades dentro de uma escola pública numa cidade complexa da região nordeste do estado do Pará, e como a mesma encarou seus problemas com um alunado jovem e cheio de desejos, dúvidas e interesses com relação a Arte e Arte-educação, e como um projeto pode ter sido o início de uma nova história, diálogo e protagonismo juvenil dentro do cenário educacional formal de Castanhal, que se ver sendo atravessado pelo popular e a informalidade.

Figura 27 – Tag's do artista Naon na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto



Fonte: arquivo pessoal. Acesso em jun/2023

Por último, quero deixar uma imagem de umas das *tag's* do artista Naon, um pixo "simples" com caneta preta numa das portas de uma escola pública de Castanhal, na qual carrega seu nome artístico, suas linhas, sua coroa, mas para além desses elementos que compõem obras visuais, também carrega a trajetória e vivência de um jovem negro, e acabou proporcionando muito aprendizado para a escola, para mim e a minha pesquisa, como temos uma potência nessa juventude e força para buscar as melhorias que a educação e a arte no interior paraense necessitam, como um "simples" estilo artístico causou toda uma movimentação, que nos mostra uma saída fundamental para a nossa caminhada. O interior e as periferias vivem e resistem há séculos, a nossa cultura e arte invadem os espaços e os transforma, é a juventude garantindo seu existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto social e político brasileiro, até os dias atuais, segue desvalorizando o papel importante que a Arte tem na construção da nossa sociedade, história e cultura, desde o processo formal de ensino, como os centros educacionais de ensino básico, superiores e técnicos, aos não-formais, como museus, galerias e espaços culturais, e até o nosso processo de ensino informal, os eventos da cidade, bairro, contexto familiar e afins, sendo que dependendo do local geográfico o acesso e contato se torna ainda mais restrito e desigual.

O estado do Pará é um exemplo dessa discrepância de recursos para a produção artística e cultural, devido aos estigmas impostos a região Norte perante as demais, os recursos ofertados para a produção, distribuição e valorização são inferiores às outras localidades, situação que se agrava quando saímos da capital paraense, Belém, para as cidades interioranas do estado, ou seja, quanto mais longe dos ditos centros culturais, mais provável a relação ser mínima e descartável.

Com estas conjunturas, esta pesquisa se propôs a analisar a importância do elo entre o ensino formal, se utilizando de uma escola base, e o ensino informal carregado e manifestado pelo alunado do ensino médio, no interior paraense. Para isso, escolhi a E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, referência do ensino público na cidade do nordeste paraense, bem como Castanhal, ou mais conhecida como a “cidade modelo”, que oferta as três séries do ensino médio, e sua localidade acaba abrangendo os moradores de bairros periféricos, assentamentos, agrovilas e quilombos, revelando a diversidade do cenário castanhalense.

O primeiro capítulo perpassou pela formação histórica, social e geográfica de Castanhal, e a importância do crescimento da mesma para o nordeste paraense, e como a demanda cultural e artística acaba esquecida pelo poder público e privado. Isto se deve ao fato da sua construção se dar pelo intuito de abastecimento de outras localidades, fomentando o comércio, agronegócio e indústrias. O capítulo também explica a escolha e importância da escola selecionada e citada para a construção da pesquisa, e o início da discussão e análise crítica do PPP (Projeto Político Pedagógico), utilizado por Inácio, voltado para a disciplina de arte.

O segundo capítulo carregou a finalização da discussão sobre a importância da arte na construção do PPP e a negligência perante a lei 10.639/2003, principalmente em uma instituição pública, que tem na maioria do seu alunado jovens negros e negras e quilombolas, desatentando para questões raciais como combate ao racismo, e apagamentos sistemáticos da

história do povo negro em nossa cultura e arte. O capítulo trouxe também a análise dos dados obtidos através da pesquisa com os discentes, desde as perguntas objetivas e discursivas, e um breve relato das observações obtidas no processo da pesquisa de campo, bem como os percalços encarados pelo cenário escolar com as divergências culturais e artísticas do alunado, corpo docente e demais funcionários.

O terceiro e último capítulo, trago o aprofundamento dos embates ocasionados pela própria arte, que acabou exercendo sua função nesse meio, o de fomentar discussões, entre os discentes, docentes, coordenação e direção. Tais discussões foram iniciadas por causa da produção artística de um jovem aluno do convênio, que ao se expressar nas dependências da escola fez com que essa tivesse que enfrentar seu senso comum e buscar soluções por meio da relação educação formal e educação informal.

Este capítulo também trouxe um projeto cultural idealizado pela direção da escola, o qual fui convidada a participar, no final do ano de 2021, o qual revelou a importância de um maior diálogo entre o ensino ofertado no cenário escolar brasileiro e a realidade trazida pelos nossos estudantes, para que a compreensão e entendimento da importância do conhecimento acerca das artes são fundamentais para a construção social e individual, bem como o laço entre o ensino formal e o informal se faz imprescindível em realidades como a cidade de Castanhal, que acaba sofrendo com o descaso e a falta de oportunidades de acesso para com produções artísticas e culturais.

Passando pela história de Castanhal, sua relação com a Arte e Cultura e a arte-educação na E.E.E.M. Dr. Inácio Koury Gabriel Neto, noto nessa pesquisa como a informalidade nos atravessa de uma forma intensa e de diversas maneiras, no seio familiar, no cenário do bairro sem nem percebemos e na maioria excluindo a sua importância necessária, mas que acabamos sendo atravessados e sem nos dar conta desejamos a Arte mais do que imaginamos.

Mas, o não acesso a certas formas de distribuição de Arte e um ensino que ainda se encontra na luta pelo seu reconhecimento e espaço na grade curricular, nos leva a uma sociedade que por muita das vezes nem compreende e valoriza a sua produção artística e cultural, e tal situação se agrava quando nos afastamos dos ditos centros culturais, e isso se torna agravante na nossa região amazônica, pois apesar da riqueza artística e cultura, e tantas outras, acabamos sendo explorados e nos restando inacesso e poucas oportunidades para a nossa população.

Nesse contexto desigual de distribuição e acesso à Arte, Educação e Cultura (principalmente fora das capitais), o ensino básico ao se entrelaçar e conversar com o informal pode ser uma maneira e saída para mudar tais situações de desvalorização, racismos e desinformação, elitismo acerca do que é ou não Arte e a importância da nossa diversidade e acessos a elas.

Desse modo, entendo como este laço pode nos levar a uma valorização da arte produzida nos interiores, que seguem na resistência para conseguir sua valorização e pertencimento no contexto paraense, regional e nacional, para além disso tal relação pode nos tira dos estigmas e pré-conceitos perante a importância da arte e cultura, bem como ambas podem surgir dentro de um cenário formal e suas singularidades, mas também no informal, no bairro, na cidade ou no próprio seio familiar, e que toda forma de arte tem seu valor e importância para a nossa arte-educação, história e cultura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luis. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Polén, 2019.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras: 1992.

BAHIA, Lúcia Maria; GARVÃO, Fraga Rodrigo. **Castanhal-PA: Um estudo avaliativo da "Cidade Modelo" no Nordeste Paraense.** Cairu em revista, ano 04, n. 6, p. 35-46, jun./jul. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos.** São Paulo: Unesp/Redefor, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, Educação e Cultura.**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estrátegias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANTONE, Alaide Degani. **Adolescência e Família – A difícil arte de adolescer.** Rede PSI, 2001.

COSTA, Gérsie do Socorro Sarmento. **Práticas de professores na disciplina de artes nas séries iniciais em uma escola pública na sede do munícipio de Castanhal/PA.** Castanhal: Universidade Federal do Pará, 2018.

DAMASCENO, Isabela Mayanne Abreu; KOPS, Alexander Alves; RIBEIRO, Willame de Oliveira; VALE, Kelly Virginia Santos. Espaço Urbano disperso e ocupações precárias: Uma análise a partir da "Agrovila" Calúcia em Castanhal/PA. In: **Cidades Amazônicas – Formas, processos e dinâmicas recentes na região de influência de Belém;** BRASIL, Antônio de Pádua M. S.; COSTA, Franscisco Emerson Vale; RIBEIRO, Willame de Oliveira (org.). Belém: EDUEPA, 2020.

FONSECA, Hellen Alexandrina Marques da; REINATO, Eduardo José. **O protagonismo juvenil no Grafitte: Processos constitutivos e históricos na contracultura.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 324 – 338, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal.** Suiça: Institut International des Droits de L'enfant (IDE), 2005.

GARCIA, Rosane Nunes; LIMA, Daniela Bonzanini de. **Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio.** Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan/jun. 2011.

GOMES, Nilma Lopes. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Elefante, 2021.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre, nº 19, 2002.

MATTOS, Amana Rocha. **Conflitos geracionais na escola: a produção das diferenças etárias em contextos hierarquizados.** Psicologia Política. Vol. 17. Nº 40. Pp. 542-551. set. – dez. 2017.

MC'S, Racionais. **Sobrevivendo no Inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MIGNOLO, W. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade. Saberes Sulbaterno e Pensamento Liminar.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NETO, João Colares de Mota; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Contribuições da educação popular à pedagogia social: por uma educação emancipatória na Amazônia.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v.16, n. 3, p. 23-35, set./dez. 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola Pública.** São Paulo: Xamã, 2000.

PILLAR, Analice Dutra. A educaçação do olhar no ensino da Arte. In: **Inquietações e mudanças no ensino da Arte;** BARBOSA, Ana Mae (org.). São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Luizan. **Grafite e Pixação: Institualização e transgressão na cena contemporânea.** São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, W. O. **Entre a metrópole e a cidade média: a complexidade das interações espaciais e das dinâmicas de centralidade da cidade de Castanhal, no nordeste paraense.** Geousp – Espaço e Tempo (online), v. 20, n. 1, p. 115 – 129, mês. 2016. ISSN 2179 – 0892

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro. **Epistemologia da Práxis na formação de professores: perspectiva crítico-emancipadora.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

SILVA, Cidinha da. Ações afirmativas em educação: um debate para além das cotas; Geração XXI: o início das ações afirmativas em educação para jovens negros(as). In: **Ações Afirmativas em educação – Experiências brasileiras;** SILVA, Cidinha da (org.). São Paulo: Summus, 2003.

SILVA, Alexsandra Maria Sousa; XIMENES, Veronica Morais. **Politicas públicas e juventude: análises sobre o protagonismo juvenil na perspectiva dos jovens pobres.** Pesquisas e Práticas Psicossocias 14(1), São João del-Rei, 2019.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: **Inquietações e mudanças no ensino da Arte;** BARBOSA, Ana Mae (org.). São Paulo: Cortez, 2012.